Jornal das Moças

Anno III - N. 44

1.º - Março 1916

Senhorita Ruth Corimbaba

As nossas melhores Escolas

CARNAVAL DE 1916

O pessoal da Casa Gonçalves, cansado de todo o anno (para bem servir sua freguezia) fazer ajour, plissés, bordados etc., resolveu divertir-se no Carnaval tendo formado o "Bloco Casa Gonçalves", cuja photographia reproduzimos.

Pessoal da importante e bem conhecida Casa Gonçalves

Amor de condemnado

Scena dramatica em verso, escripta especialmente para esta revista.

A' alma sensivel de Violeta Silva

As scenas que se vão desenrolar são passadas no interior de um carcere.

Salustio, sentado num dos cantos da sua prisão, parece meditar profundamente.

SALUSTIO — *Como si despertasse de um sonho* :

Ha um anno era eu feliz e bem bem feliz que eu era!
O meu amor nasceu com o sol da primavera!
No meio em que vivia, alegre e descuidado,
Eu tinha um Deus, no céo, e Sulamita ao lado.
Ninguem melhor, talvez, soube sorrir á vida,
Que eu fiz desse viver ampla estrada florida,
Por onde ás vezes nós, esquecidos do mundo,
Jurámos ser eterno aquelle amor profundo!...

Logo ao nascer do sol, ouvindo a passarada,
Sahiamos, os dois, a passear na estrada,
Que o orvalho matinal deixara humida ainda.
E eu ia tão feliz, porque ella ia tão linda!
Com os cabellos, na touca, escondidos a furto,
O seu branco avental e o seu saiote curto!
Era bem nossa vida assim. E para onde iamos
Sorriamos de ver o nosso amor, sorriamos!
Não falavamos quasi, as mãos dadas, andando.
Somente o nosso olhar ficava conversando!...
A's vezes, dum «bouquet» de flores perfumosas
Fazia-lhe um collar de petalas de rosas
Que ella nervosa e a rir ao pescoço cingia;
Como eu era feliz, porque tudo sorria!
Como me lembro bem dessa quadra bemdita,
Em que logrei o amor da bella Sulamita!...

Levantando-se, anda agitado de um a outro lado da prisão. Com accento de odio :

Fatal destino o meu!... Si não fôra o destino
Eu não seria, nunca, um barbaro assassino!
Matei o meu rival, matei-o sem piedade
Porque elle quiz fazer minha infelicidade,
Roubando Sulamita, o meu maior thesouro,
Só porque era fidalgo e tinha montes de ouro!
E julgava, talvez, que num rapido instante,
Poderia fazel-a a sua escrava e amante,
Dando-lhe para usar o mais rico vestido,
Joias, dinheiro, tudo? E farto e bem servido,
Depois de haver então gosado aquella vida
Dizer a todos: — Esta é uma mulher perdida!
Foi minha amante, vêde, é sensual, nervosa,
Digam lá si não é devéras bem formosa!...
Tem os olhos azues, tão azues e serenos
Como as faces azues de dois lagos pequenos!
O seu porte é gentil, seu andar donairoso,
Foi feita para o amor, foi feita para o goso!
Dai-lhe joias, dinheiro, algumas carruagens,
Creada de vestir, um professor, dois pagens,
Uma affeição fingida e que direis eterna
E possuireis, assim, a amante mais moderna!...

O' que infame! Que infame! E não tinha eu direito
De lhe cravar, sorrindo, o meu punhal no peito?
Tenho um crime? Que importa! E' sublime a vigança
Quando assim se defende a honra duma creança!

Sentando-se, sombrio e desconfiado :

E... si ella foi culpada? E'... quem sabe? Um segredo
Que eu ainda não sei, mas me faz tanto medo!
Si ella sem se importar com as juras que trocamos
Disse ao fidalgo: — E' teu o meu amor, partamos
Pr'a longe delle, sim, vamos viver distante.
Tua amante serei, serás o meu amante!
Elle me esquecerá crendo que sou fingida
E viveremos nós felizes toda a vida!...
Ah! si ella assim falou, como sabel-o agora?
Si se abrisse esta porta. Ouço passos lá fóra...

Levanta-se. Batendo na porta :

Carcereiro, olha aqui, abre a porta um momento!
Uma palavra, escuta, eu faço um juramento
Que não penso em fugir. Quero dar-te um recado
E' para *ella*, me ouviste? Eu sou o condemnado
Que para esta prisão faz um anno que veio,
Pódes, porém, abrir a porta sem receio...

Vendo que ninguem abre a porta :

Nada posso fazer aqui! Ninguem me escuta!
O que vale lutar? Para que serve a luta?
Poderia, talvez, com a força do meu braço,
Num momento partir aquellas grades de aço!
Mas a fuga seria uma atroz anciedade,
De que me serve ter sem ella a liberdade?

Desesperando-se :

E si ella foi culpada? Ah! si ella foi culpada
Juro por minha mãe que será castigada!
Quero, quero saber de tudo! Cae-me a venda
Dos olhos... Sulamita!... Oh! que duvida horrenda!...

Batendo com força na porta :

Ouvem?! Quero saber o que a mim tanto importa,
Carcereiro brutal, por Deus, abre esta porta!!...

Abre-se a porta do carcere e Sulamita entra.

SULAMITA — *Tremula, estacando em frente de Salustio* :

Sei que soffres por mim nesta dura prisão,
E vim para implorar, Salustio, o teu perdão.

SALUSTIO — *Agarrando-a pelo braço* :

Falaste-me em perdão? Em perdão? Ouvi bem?
Ah! nesse caso tu és culpada tambem?
Vamos, fala! Tens medo? Eu te infundo terror?
Confessa, anda! Por mim nunca sentiste amor?
Era tudo mentira! Hypocrita! Infiel!
Representaste assim, não é, o teu papel?

SULAIMITA — *Procurando soltar-se* :

— Solta me, sim? Por Deus! Tu me fazes soffrer!
Juro por nosso amor que tudo hei de dizer...
Doe-me tanto este braço... Oh! esse teu olhar...
Acalma-te, Salustio! Ouve o que vou contar...

SALUSTIO — *Largando-a* :

Uma historia, talvez, inventada por ti!

SULAMITA :

Não, Salustio, não é, eu t'o juro, eil-a aqui :
Outr'ora em minha aldeia, ao pé do monte havia
Uma branca igrejinha, onde eu, ás tardes, ia
Rezar com minha irmã. Não te recordas della?
Muito fresca e rosada ; uma creança bella
Como todas o são nessa feliz idade...

SALUSTIO — *Pensativo* :

Si me recordo?... Sim, recordo com saudade...

SULAMITA :

Nossa vida corria entre festas, ruidos,
Era bem como o céo de uma tarde formosa,
Um céo primaveril, claro, alegre e risonho,
Todo um scenario azul boiando á flor de um sonho !
O parocho da igreja, um velhote baixinho,
Fitava-nos com muito amor, muito carinho.
Sorria de nos ver, ás vezes, de joelhos,
Dando-nos como um pae os melhores conselhos !

SALUSTIO :

Conheci-o, era um bom, um bello sacerdote,
Que gostava de ler o autor do D. Quixote !

SULAMITA :

Passou-se o tempo assim. Mas num fatal segundo,
Um dia minha mãe nos deixou só no mundo.

Começa a chorar.

SALUSTIO :

Ella chora ! E' talvez sincero aquelle pranto,
Fica ainda mais bello assim seu rosto santo !

SULAMITA :

Nós choramos de dor durante muitos dias,
Vimos mortas pr'a sempre as nossas alegrias
E fomos habitar, para fóra da aldeia,
Um recanto da terra escura, extranha e feia !
O parocho, ao saber logo dessa mudança,
Correu ao nosso encontro e disse-me : — Creança,
Na minha igreja está guardado um documento,
Toda a historia alli tem do vosso nascimento.
Fala de vosso pae que nunca conhecestes.
Como vêdes, podeis buscal-o um dia destes...
Confiou-m'o a vossa mãe, boa e santa senhora,
Por quem tanto choraes ao vos lembrar agora.

Pausa.

Nesse tempo eu te amei : Recordas-te decerto?

SALUSTIO — *Procurando lembrar-se* :

Foi... um sonho... de amor, miragem num deserto...
Leio ainda o teu nome escripto na cascata,
Vejo o mar, vejo o céo e a lua cor de prata,
Epopéa de luz, de amor, de sonho brando,
Que parecia estar de longe nos olhando...

SULAMITA :

Pois bem. Passado um mez, sahimos á procura
Do velho sacerdote, oh ! que estranha ventura !
Eu ia conhecer meu pae que nunca vira,
Pelo qual a minh'alma afflicta inda suspira !
Mas, ao chegarmos lá, nesse mesmo momento,
Tinham dalli roubado o velho documento...

SALUSTIO :

Afinal, nada sei do que contas agora,
O que tem isso a ver com o nosso amor de outr'ora?

SULAMITA :

Está proximo o fim desse triste romance.
Não desejo que o teu espirito se cance
Em me ouvir. Continúo : — O ladrão encontrado...

SALUSTIO — *Ironico* :

Comprehendo. Foi elle o teu Rotschild amado !

SULAMITA — *Chorando* :

Não o nego. E porque me julgas tão culpada?
Cahi nas suas mãos, mas eu fui enganada.
Elle assim me falou : — Si quereis o segredo,
Está em meu poder. Segui-me sem ter medo.
E segui-o confiante. Ah ! não tinha a certeza
Que o cobarde de mim faria a sua presa !...

SALUSTIO — *Falando comsigo* :

Elle cobarde e vil ! Eu misero assassino !
Qual dos dois mereceu o mais negro destino?

SULAMITA — *Indo em direcção á porta do carcere* :

Já conheces, bem vês, minha historia maldita !
Adeus ! te diz pr'a sempre a pobre Sulamita !

SALUSTIO — *Detendo-a, supplicante* :

Fica em nome de Deus e deste amor antigo !
Não vês que te amo tanto? Eu fugirei comtigo.
Si inda ha pouco falei, tão rude como viste,
E' que eu vivia só, eu vivia tão triste !...
Julgava-te infiel, mas eu não sou culpado...
E' o desespero, é a dor de um pobre condemnado !
Olha : — Havemos de ser felizes algum dia,
De novo ha de voltar toda a antiga alegria.
Vivendo no campo, ou mesmo na cidade...
Então?... Fala... não crês nessa felicidade?

Ouve-se ao longe uma musica triste :

SULAMITA :

Tenho um presentimento. O coração me diz
Que nunca e nunca mais eu hei de ser feliz !...

Pausa.

SALUSTIO — *Descobrindo um retrato que Sulamita traz sobre o peito* :

Que semelhança atroz ! Este retrato... aqui...
E'... delle, sim, não é? Parece que já vi
Um outro rosto igual, a mesma testa, o olhar...
Deixa-o ver, quero bem de perto examinar...

SULAMITA — *Tapando o retrato com as mãos* :

Vida, tudo darei. Este retrato, não !
E' sagrado pr'a mim. E' uma recordação...

SALUSTIO : — *Dando uma gargalhada* :

Uma recordação !... Como sabes fingir !
Vejo o teu embaraço, até me fazes rir !...

Brutalmente, procurando arrancar-lhe o retrato e opprimindo-lhe a garganta :

E' do homem que matei com a ponta do punhal,
E' delle, o teu fidalgo e que foi meu rival !
Tua historia era falsa, infame ! Nem siquer
Mereces tu piedade ! Ah ! mostras que és mulher !...
Pódes olhar-me assim ! Faço-te mal, talvez,
O retrato é de quem? Dize-me de uma vez !...

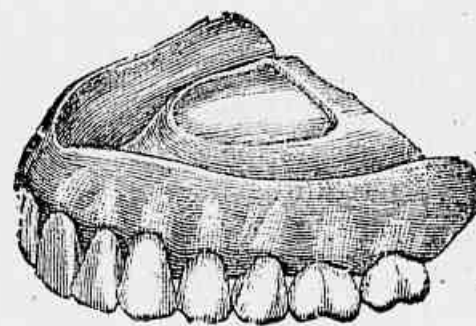
SULAMITA — *Cahindo agonisante para traz* :

E'... de meu pae... adeus... amei-te... e com que ardor !...

SALUSTIO — *De joelhos junto ao cadaver de Sulamita e estraçalhando o retrato entre os dedos* :

Maldito seja o amor !... Maldito seja o amor !...

BENJAMIN COSTA.

FIM

Jornal das Moças

Bilhetes Postaes

A' * * *

Creaturas ha, que obedecem ao primeiro impulso do coração, estes são falliveis; é necessario consultar a consciencia. Se esta e o coração forem irmãos em sentimentos, a ventura será completa.

Atisor.

A' *Odilia*

Dia feliz aquelle em que nos encontramos naquella pequenina casa! O olhar seductor e attrahente que me lançaste feriu o meu coração, que hoje vive realentado nas esperanças de um futuro risonho.

Madureira.

Prisco Salgado.

A' *Ritinha.*

A fé é uma lampada que brilha na abobada da esperança, illuminando nossa estrada atravez do tempo.

—

Lagrimas e sorrissos formam o ramalhete da existencia.

W. P. B. C.

A' *quem me comprehende*

Meu coração é um batel na sua primeira viagem; se encontrar no seu percurso o mar da ingratidão, naufragará fatalmente, perecendo no turbilhão das suas vagas o seu unico tripulante, : o amor!

Villa Militar — Rio — 8 — 1 — 916.

Julieta C.

Outr'ora e hoje

A' ...

Outr'ora quando cheio de ternura,
Contemplava teu rosto meigo e ingrato...
Nas horas mortas — louco de ventura
Eu mirava contente o teu retrato!...

Mas... agora que, cheio de anciedade,
Não mais lhe escuto os doces madrigaes...
Nas horas mortas — louco de saudade
Releio triste os teus cartões postaes!

Hernani Aguiar.

A' *alguem*

O homem não sabe avaliar o amor e o soffrimento de uma mulher.

Emilia Mello.

A' *quem idolatro*

O teu coração, é um cofre, que até hoje conserva se fechado! A quem estará destinada tão mysteriosa chave! Tenho o presentimento de que ella, está reservada para ser entregue em sertões bem distantes daqui! Por ventura estarei enganada?

Oh! quem me déra que isto, não passasse de méra illusão!...

S. Christovão.

Ylet.

Ausente

Ao inesquecivel Caethé

Eu amo e vivo apartado
Soffrendo resignado
Na vida agruras e dor,
Sem ter minh'alma tranquilla
Na tua ausencia «Dalila»
Na ausencia do nosso amor.

Embora eu viva exilado
Teu semblante tenho ao lado
Qual na lapella uma flor;
Que no meu peito perfila
A tua imagem — Dalila»
E o quadro do nosso amor.

Tres longos mezes passaram
De ausencia e não m'o deixaram
Da esperança uma só flor;
Raio só hoje fuzila
Na tua ausencia — «Dalila»
Na ausencia do nosso amor.

Meyer.

H. C.

A' *Amelia Paes*

Vós sois a estrella do céo de minha vida pois, nasci para te amar, e, sem que me ames amarte-ei sempre. Este é o sonho dourado de um coração que pulsa para conseguir uma Esperança...

M. I.

A' *Maria B...*

A amizade quando é sincera nunca tem fim.

S. Christovão.

Hortencia.

A quem eu quero bem

Je sais que tu m'as déjà oublié! C'est penible... mais que faire? Je pense toujours à toi! Cela suffit!

Lygomo.

A' *senhorita Alzira C.*

Amparo

A Saudade é uma das enfermidades mais delicadas de que trata a nosologia espiritual.

E' uma molestia das almas bem formadas.

Eu, que sempre te considerei um espirito de eleição, como poderei negar que tens saudades daquelles tempos?

Lygomo.

Ao Laudelino Lucas

Resposta:

Dizes ser feliz porque o teu affecto é por mim retribuido; será esta a realidade?!... si fôr considero-me tambem feliz, porque amei-te, e amo-te...

Saberei ter paciencia e resignação, já que me dás uma tão sublime recompensa.

O teu coração sincero

Palmeiras.

H. R.

Ao Maninho

Assim como as estrellas brilham no empyreo, o teu meigo olhar brilha em minha alma apaixonada.

Walkyria Braga.

A' *boa amiga Annita A.*

A saudade é uma flor tão delicada que só florece no jardim da ausencia.

Tua amiga

Walkyria.

Quando dois corações são unidos pelo indissoluvel laço de um reciproco amor não ha poder que os separe.

Lélé.

A' *memoria da Exma. Sra. D. Aurora de Sá Earp*

Os bons residem no céo ao lado do Senhor.

—

Ao distincto Rodolpho de Sá Earp

O Amor é a rosa mais bella que encontramos no vasto e viçoso jardim da mocidade.

—

Ao gentil e saudoso grupo Petropolitano

Não está longe quem permanece numa saudade.

Urze.

A' *senhorita J. A. N. O. C. A.*

The brithtes of ail things, the Sun, has its spots; but your heart has no spots, only goodness.

G. P. A.

A' *inesquecivel J. C.*

Près de toi, je songe dêtre parmi les étoiles; lein de toi, je te cherche aux rayons dune brillante étoile.

G. P. A.

Cara Zizinha Coutinho

Amar seria muito bom si a mulher comprehendesse o amor cuja grandeza se perde no mysterio das definições.

—

A' Ambrosina Vist

Deste-me uma rosa: acceitei-a com alegria, com satisfação, pois, a rosa é a flor symbolica do amor.

Guardei-a com carinho e todos os dias, secca, tristemente secca, beijava-a, aspirando uma saudade sentida, cultivada com dores atrozes, aqui onde vivo distante de ti, ora admirando a exhuberancia da natureza, ora perdido em conjecturas mil sobre o passado que é sempre risonho e suggestivo.

Mas... o presente é a prova de nossas desillusões!

Hoje, sabendo-me esquecido, contemplo a rosa que me déste outr'ora e não a vejo só estiolada porque estioladas são as rosas de teu amor.

Minas.

A. S.

Amor passado

A Dulce

Agora que do nosso amor, querida,
Um só vestigio já não existe mais...
Deixa que, em verso e em soluçantes ais,
Relembre a quadra de illusões florida!

Oh!... que saudade no meu peito encerra
Ao lembrar-me das juras que trocamos...
E do sincero amor que nós juramos
Entre as flores gentis da minha terra!

H.

A' amiga Aurora

Assim como o rouxinol nasceu para cantar, assim meu coração nasceu para te amar.

Eva.

A' Mlle. Magnolia

(Resposta ao bilhete publicado em 1 de dezembro)

A incoherente alma feminina ha de ser um eterno mytho intrincado e indecifravel lago profundo ao qual o homem atira a pedra de sua argucia sem conseguir ou mesmo prescrutar os seus meandros.

Creaturas ha que, intensamente futeis, indifferentes e frias que, do sexo femenino só têm a forma exterior, verdadeiras esphinges de bronze, pretendem fazer do homem um joguete de seus caprichos e ouvem-lhe os protestos de amor sem deixarem perceber o que realmente sentem.

Como, pois, classificar a mulher fria e indifferente como a flor acima, em face do homem que sem rebuços lhe grita toda a sua louca e sincera ternura?

E são ellas pois, que ousam ainda acoimar-nos de vis ingratos.

Jayme da Silva.

A' ti

O coração que ama sinceramente, não póde supportar a dor da separação, e definha lentamente trespassado pela cruel palavrinha que se chama — Saudade!

—

A querida Titysinha

Quando se está ausente da pessoa a que dedicamos verdadeira amisade, nada nos póde alegrar senão a presença do ente querido!

Elysinha A. Garcia.

A' normalista Dinorath Cabral.

Como a mysteriosa estrella guiou os «Magos» á choupana onde viu a luz o «Redemptor», assim tambem o meu amor por ti, igualando-se a essa santa estrella, me ensina e me dá forças para supportar as agruras da vida.

Sobre medidas.

A' quem amo

Na luz do teu meigo olhar
Julgou minh'alma encontrar
Venturas p'ra seu amor,
— Coitada!... Pobre clemente!
— Encontraste tão sómente
Muito pezar, muita dôr.

—

Assim como o passarinho,
Longe, bem longe do ninho
Solta gemidos de dôr.
Meu coração com ciumes
Entre saudosos queijumes
Chorando te implora amor!

Lilinha.

A' alguem

O affecto, mimosa plantinha, despontou um dia em meu coração; cresceu, floriu, sempre humilde; espalhou suaves perfumes, em seus galhos gorgeiaram as alegrias, construiu seu ninho a illusão.

Depois o gelo da duvida afugentou as avesinhas, crestou os ramos e resta sómente o tronco resequido.

Talvez... que mais tarde, ao vivificante sol da Esperança, a primavera d'alma, da seiva que guarda ainda o caule quasi morto, surjam novos brotos, para onde voltarão os habitantes dos dias alegres.

Daiza R.

Lina

Esperançado num porvir auspicioso, passo o tempo flanando, crente na expressão sincera, dictada em teus languidos e serenos olhos.

Lino.

A' alguem

Meia noite. Sentado na areia do Leme, essa praia tão grata aos corações apaixonados, eu contemplo as ondas que se formam impetuosas para morrerem lentas e calmas. Lembro-me que assim foi o teu amor: nasceu impetuoso e forte, para morrer friamente como as ondas que contemplo.

L.

A' minha boa mãe

Amor de mãe! Não ha outro que o sobrepuje; nelle encontramos a sinceridade e o conforto para nossas almas afflictas. Por injusto e ingrato que seja um filho a mãe o ampara, o conforta sempre com a ineffavel doçura de su'alma. Com o carinho a sobejar nos labios, offerece-nos o seu santo amor, o seu sangue e até a sua propria vida.

Mãe! Palavra santa! Quanta magnitude, quanta caricia e quantos sacrificios encerras e exprimes!

—

Para minha esposa

Si não fosse a meiga luz de teu olhar, meu coração estaria em trévas e nelle não germinaria o puro e verdadeiro amor que te consagro.

Catumby, 24 — 1 — 916.

Antenor Parifouse.

A' gentil Mlle. Alice A.

Porque essa lanquidez nos teus bellos olhos e mysticos pallores nas faces?

Olha em torno de ti e vê, vê aquelle que sómente supplica a caricia de um teu doce sorriso, a esmola bemdita de um teu olhar.

Compadece-te de quem vive soffrendo enleiado nos grilhões do desprezo.

—

Sem a luz do teu olhar de santa, eu seria atirado pela dôr, no abysmo profundo de uma eterna descrença.

O. B. Fragoso.

Rio, 20 — 1 — 1916.

ANNO III — RIO DE JANEIRO, 1 DE MARÇO DE 1916 — NUM. 44

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Expediente

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS
Anno . . . 10$000 — Semestre . . 6$000
Pagamento adeantado

Numero avulso 400 réis e nos Estados 500 réis

Director-proprietario F. A. Pereira

Os originaes enviados á redacção não serão restituidos. As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro.

Redacção e administração: RUA S. JOSE' N. 53, sobrado — Caixa postal 421

GILKA MACHADO, a poetisa.

Graças lhe sejam dadas pela apparição de sua quasi assombrosa estréa no dominio das lettras, com a accentuação de seu talento de escól, tão fartamente evidenciado no seu livro de versos *Crystaes partidos*.

Por um desses phenomenos tão communs na esphera em que se agitam as grandes cerebrações, principalmente dos poetas, pintores e musicos, mercê da empolgante inspiração que os arrasta na concepção das mais bellas obras-primas do engenho humano, Gilka Machado, no atordoamento produzido em seu espirito por esse turbilhão cascateante de sons, por essa deslumbradora e offuscante musica das cores e pelas não menos absorventes e arrebatadoras nuvens de aromas e perfumes, cada qual mais capitoso e mais divinamente evocador de extasis paradisiacos, tudo a cantar em sua alma pela voz orpheica de sua lyra encantada, deixou-se arrebatar para fóra de terrenas fronteiras e foi preludiar as suas magistraes concepções poeticas, para uma região de sonhos, «por entre rosaes e clarões de jardins estellares, suspensos do azul enigmatico e profundo», onde a selecção dos sexos é desconhecida.

No lavor absterso de suas rimas, que mais parecem aliferas flores cyanopteras e rubras em demanda de um campo astral onde só se ouçam as harmonias grandiosas das espheras, como que andam de envolta opalescencias singulares, brancuras latescentes ainda não imaginadas, raios prismaticos ainda não bem definidos pela sciencia dos homens, linhas tão subtis cuja finura genial só a arte meticulosa e fina do cinzel de Cellini ou do buril de Phydias será capaz de exprimir.

Em meio desse mundo á parte, creado por essa formosa e piérea filha da terra, sob a invocação epiditica de sua soberba inspiração, elevada ao mais glorioso ideal de estheta eximia, a idéa desse demorphismo humano, que regula a escala de cada ser nas suas funcções vitaes, escapara certamente á sua visão luminosa de genio da harmonia, para remontar á grandeza de seu excelso postulado de dilecta filha das musas.

Na apreciavel eurhythmia de seus *Crystaes partidos*, a bella poetisa patricia só tem por suprema aspiração artistica a «ancia de conter o infinito numa expressão», isto é, ver espelhar-se-lhe na alma o desdobramento de toda a natureza, desde o infusorio imperceptivel ao vivo chammejamento das espheras constelladas; desde o mais vago aroma da mais delicada flor ao mais intimo e mais profundo pensamento de homem; desde o mais leve contacto da vellutinea pennugem de uma aza irisada de borboleta ao mais doce e voluptuoso sabor de um beijo amoroso; desde o mais aurifulgente «aranhol verde» de uma illusão á mais absorvente e melancolica plangencia da «tristeza da saudade», do «som de um sino» da canção de uma alma enferma; desde o acalento suave e lascivo do «Somno», colmado de pensamentos «nocturnos» á ebriez lubrica do odor dos «manacás» e do «sandalo»; desde os «fremitos azues do lago» o «ronco raivoso do rio», «o rugido, regougo do Mar» ao brando e glauco «bailado das ondas»; desde o mais calmo e mais absoluto «silencio» ao rodar assombroso dos mundos sideraes.

Do bulicio da terra só póde perturbar um instante a agitação maravilhosa de seu éstro o farfalho embalador do monte, onde, aos olhos de sua suprema inspiração, correm, lépidas, as oréades travessas á bulha dos faunos inquietos e lascivos.

No extravasar escachoante de suas emoções, traduzidas ao sabor vertiginoso de sua soberba imaginativa, a serviço de invejavel talento, a poetisa dos *Crystaes partidos* não desce nem se preoccupa com esse cauteloso senso pratico de nossas velhas e simples mães de familia que persistem na sua teimosia de só verem na diffusão do belletrismo a escola dourada da perdição.

A inspirada estreante, que já surge, em seu primeiro livro, a hombrear, pelo menos, com a primeira de nossas poetisas, no deslumbramento, nos extases sensoriaes em que a prostra a visão consciente das cousas, delimitada pela superna acuidade emotiva de seus sentimentos estheticos, não se atem a essas superfluidades de apreciações alheias sobre a conducta dos sêres previlegiados por prendas especiaes com que a natureza os dotou.

Na consciencia, sem duvida, de que o homem moderno cada vez se mercantilisa mais e mais se brutalisa, numa luta de competição sangrenta a que as proprias féras assistem espectantes, comprehendeu muito bem que só da acção da mulher, desprendida dos preconceitos de uma

Senhorita Julia Carrapatoso, nossa collaboradora em Lisboa

sociedade que só se mantem pela permuta de idéas cada vez mais egoistas, póde resurgir uma humanidade que se deixe guiar mais pelo coração do que por essa ferrenha *Kultura* do trucidamento iniquo e barbaro dos povos mais fracos.

Gilka Machado, no seu masculo e deleitoso versejar, quando lhe vém a idéa de que é mulher, isto é, depois de dizer ás aves:

> Quem me dera ter azas
> para acima pairar das cousas rasas,
> das podridões terrenas,
> e subir, como vós, ruflando no ar as pennas,
> e saciar-me de espaço e saciar-me de luz,
> nestas manhãs tão suaves!
> nestas manhãs azues, lyricamente azues!

é para reflectir que, ser desse sexo, é

> buscar um companheiro e encontrar um senhor...

. . . .

> ficar na vida qual uma aguia inerte presa
> nos pesados grilhões dos preceitos sociaes!

já tendo dito antes

> Ai! antes pedra ser, insecto, verme ou planta
> do que existir tomando a fórma da mulher!

para logo depois passar para a outra folha, invocar o Somno e fechar o seu livro, adormecendo sem duvida, por entre os applausos tão justamente merecidos por estréa tão fulgurante e tão promettedora.

Pena é que nos falte espaço para, como em estendal das mais bizarras, estranhas e raras flores, fazermos surgir aos olhos das nossas gentis e formosas leitoras alguns dos magistraes e escandidos versos de Gilka Machado, a par das multiplas e variadas imagens, cada qual mais bella e mais brilhante, que delles resaltam.

Esse pesar é tanto mais doloroso quanto somos forçados a confessar que a leitura de tão encantador livro de poesias teve para nós o verdadeiro effeito de uma hora do mais empolgante, suggestivo e deleitoso prazer de deuses, semelhante de certo ao que no Olympo era dado fruir aos seus immortaes habitantes quando a formosa Hebe lhes apresentava, em cyatho aurorial, o hydromel sagrado.

RIBAR.

Um pae sae a passear com duas filhas moças.

A mais velha olha para a irmã e diz-lhe:

— Vês este rapaz chic que ha muito nos vem acompanhando?

— Estás enganada, atalha a outra, é a mim que elle vem acompanhando.

— Como és preterciosa! E' a mim!

— E' a mim!...

E a teimosia de ambas ia augmentando, a ponto de se temer um escandalo, quando o pae serenou tudo:

— Para que tanto barulho, minhas queridas filhas? Esse rapaz que nos vem seguindo, ha muito tempo já se teria dirigido a mim para pedir-me o importe deste terno que ainda não paguei, si não fossem vocês!

Cartas de Amor

Mimosa Juracy

Depois de longos e morosos mezes de uma penosa e torturante ausencia, que o coração me fez soffrer demais, vi-te, deidade, cada vez mais bella, mais fascinante, encantadora e esbelta!

E, ante o fulgor do teu semblante lindo, de olhos saudosos, matadores, doces, e meiga bocca cor de rosa e olente, curvei-me, logo, te rendendo preito do mais perfeito e verdadeiro affecto!

Como te achavas donairosa e chic, sob a elegancia de um vestido esplendido, que emmoldurava o teu perfil mimoso, deixando, apenas, ver um palmosinho das tuas pernas tentadoras, lindas!

Que meigos pés, tão delicados, leves, de «pisar flôres» e inspirar amores!

Ah! deusa ingrata, — que desejo insano, então, eu tive de oscular-te, toda, ardentemente, carinhosamente!

Mas, foste má! Sempre impiedosa e esquiva, me abandonaste, a gracejar, sorrindo, e me deixaste suspiroso, afflicto, amortalhado no sudario roxo de uma saudade lacerante, immensa!

> Por que motivo me maltratas tanto?...
> Não vês que soffro e só por ti padeço?
> Que provas queres mais do meu amor?...

Inda não bastam as sentidas lagrimas, que, apunhalado pelo teu desprezo, occultamente, derramado tenho?...

Dize! Responde, com ternura e calma, para alegrares meu dorido peito!

Sê mais bondosa, compassiva e grata, com quem te preza e prezará, déveras, aqui na Terra ou no infinito Espaço, onde estivermos preparando o espirito!

Dá-me a ventura de beijar-te os labios, — mimosas flôres que se esfolham, lindas, — na tua bocca perfumosa e meiga, quando sorris, arrebatando a todos, e então serei o mais feliz mortal, dentre os mortaes que venturosos são, e cantarei, eternamente, a dita dessa bemdita e sacrosanta offerta, cheia de efluvios, de harmonia o encanto!

Cultiva o Amor com mais carinho e graça, porque, sem elle, ninguem vive e passa!

Tem compaixão de teu saudoso bardo, que, ao som da lyra suspirosa e branda, geme e soluça e se desmancha em pranto, carpindo a insana e extraordinaria Dôr da tua enorme e féra ingratidão!

E, emquanto eu sorvo da Amargura o fel, neste sombrio e solitario exilio, sejas ditosas, para todo o sempre, — ó minha doce e seductora Musa, — nesse teu throno de belleza!... Adeus!...

NORIVAL.

LENDA TRISTE

A HISTORIA que se segue, real, verdadeira, de um desenrolar tristissimo, passou-se, ha alguns annos, no meio da gente pobre e rude dos confins de Minas, nas serras altas das campinas verdejantes daquella terra rica de tudo.

Mais digna de um bellissimo romance composto pelos apurados conhecimentos de um bom escriptor, a narração que aqui faço se não toca o sentimentalismo dos corações menos sensiveis, não deixa, entretanto, de ser triste, tristissimo. Ouçam.

Nos arredores da pequena villa de S. Geraldo, plantada no seio das vastas campinas da serra do mesmo nome, a alguns kilometros da legendaria cidade de Rio Branco, no Estado de Minas, existiam dois entes pobres que se amavam muito e que se mantinham presos na vida um para o outro. Elle, um rude e modesto lavrador das visinhanças de S. Geraldo, um rapaz de fórte complexão, trabalhador, fiel e dedicado, e ella uma pobre rapariga, filha de um velho e pequeno negociante das proximidades da pequena villa, uma insinuante mocinha de 18 annos de idade, bondosa, meiga e simples que votava um verdadeiro culto de amizade á sua irmãsinha, uma interessante menina de dezeseis annos. As duas, apezar de pauperrimas, viviam, comtudo, felizes no carinhoso lar modesto, para o seu velho pae, pois que a sua mãe já ha muito morrera para dar á vida a mais moça das duas.

A nossa gentil leitora Senhorita Dulce Camacho Pessôa, filha do Capitão-Tenente Isaac Tavares Dias Pessôa.

Na casa de commercio do bondoso camponez, foi que Lydia (assim se chamava a mais velha das irmãs) pela primeira vez viu o Rubens quando este alli fôra offerecer á venda alguns productos da sua modesta lavoura. Conheceram-se e amaram-se com a simplicidade ingenua dos habitantes da roça sem que aborrecimento algum lhes viesse interromper a felicidade do amôr, protegidos sempre por uma affeição grandiosa do velho negociante. Após alguns dias de longas e innocentes entrevistas, tornaram-se noivos, e se muito se amavam, mais se queriam agóra. Apenas esperavam que Rubens completasse a montagem de seu tosco casebre para que o dia das venturosas nupcias fosse marcado.

Louco de amôr, pouco se demorou Rubens em dár as ultimas de mão em seu futuroso ninho onde tantas venturas lhe pareciam sorrir, e, entre os cantos das cigarras, limpo, cheio de sons, de sól e felicidades chegou o dia das bôdas.

Tudo foi arranjado para que nada faltasse aos noivos e seus convidados; desde o improvisado caramachel para a ceia nupcial aos enfeites tradicionaes de folhas de palmeiras e flores de papel na sala para as dansas.

O vestido da noiva e as deliciosas flôres de larangeira que iam tornar encantadora a feliz Lydia, foram encommendados a uma antiga e geitosa costureira de Rio Branco e pelo qual o negociante pagou alguns mil réis. O da irmã mais moça, porém, a interessante e meiga Laïs, foi por ella propria arranjado de panno azul claro, um azul triste e delicado como a sua propria innocencia, pois que, não quiz, a boa menina, que o seu pobre pae gastasse mais, mandando-o fazer juntamente com o de Lydia. Na manhã do esperado dia da união de Rubens e Lydia, uma manhã de luz, de cantos, de flôres, de trinados, cheia de aves e borboletas, de perfumes e alegrias, todos se puzeram de pé ao alvorecer, cantando e sorrindo, ao passo que Laïs se mostrava triste e chorosa.

Rubens que chegára muito cedinho á casa de sua noiva, não deixou de notar a tristeza immensa de Laïs e indagou-lhe, com grande carinho, dos motivos. Laïs, que passára grande parte da noite acordada, tinha as faces pallidas e olhos cheios de tristesa, o que lhe dava ás feições os traços de um grande soffrimento.

Ouvindo a interrogação de Rubens, Laïs não se poude conter e duas lagrimas tombaram-lhe dos olhos, riscando as suas faces como se fossem duas brazas que por elles tivessem descido, e falou entre soluços da tristeza que tinha por se ir separar da irmã querida, e das apprehensões de um sonho que tivera, e do qual guardou o maior segredo.

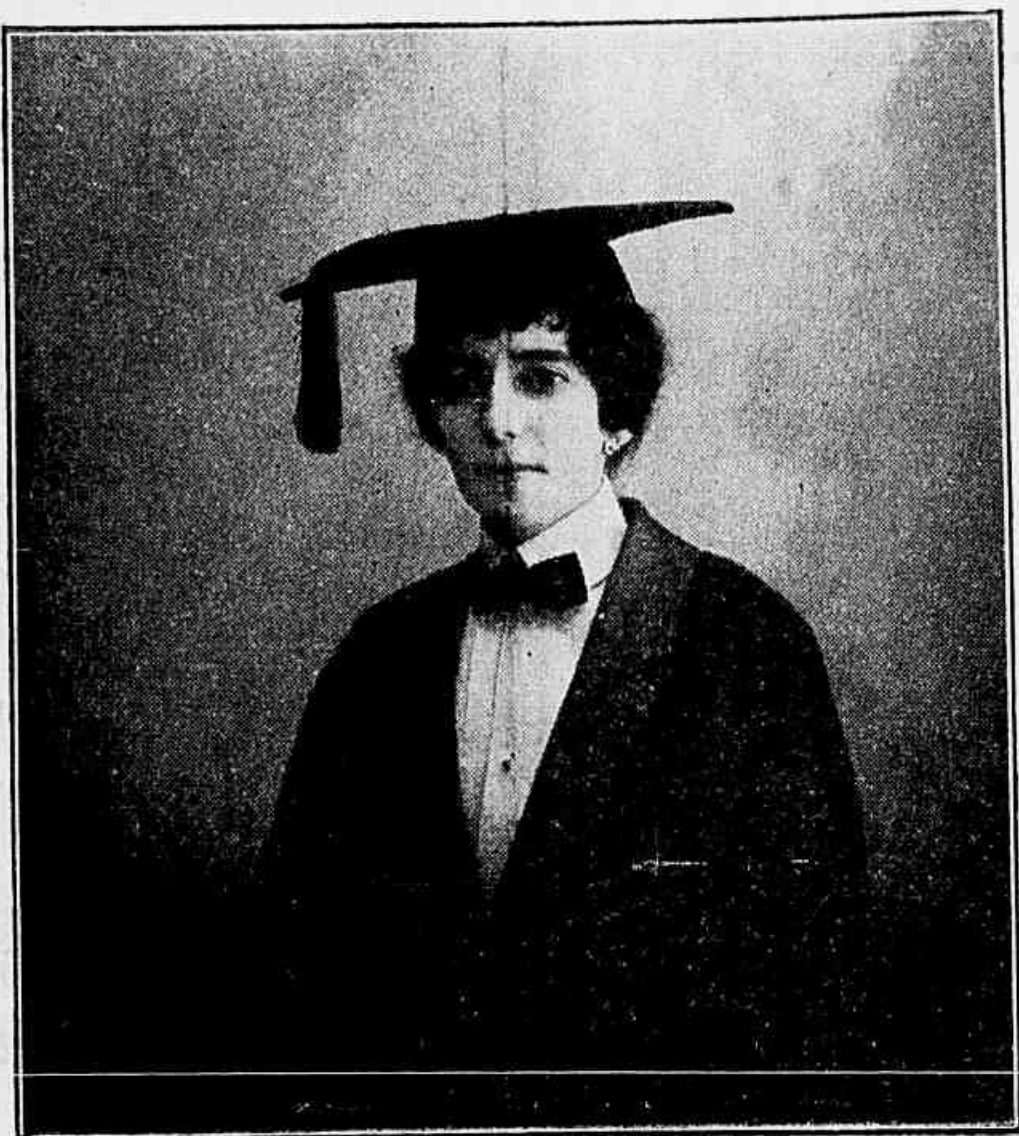
Pelas duas horas da tarde, já todos, noivos e convidados, estavam preparados para seguir para a villa de S. Geraldo, em cuja egreja, uma velha e simples egreja, devia realisar-se o casamento. Somente Laïs mais se havia demorado no quarto arranjando o seu vestidinho com algumas flôres agrestes e alguns lyrios de alvissima brancura, depois de muito haver chorado a separação da sua querida Lydia, e pelas saudades da sua bondosa mãe que, mais que nunca, quizéra, então, tel-a ao seu lado para sua companheira porque iria ficar só com o seu pae naquella mesma casa onde tantas recordações teria depois. Alguns momentos mais tarde seguiram todos, alegres, risonhos e felizes, para S. Geraldo, onde o vigario após as orações costumeiras, abençoava Lydia e Rubens unidos para a vida.

Depois os abraços desgraciosos succederam-se entre os convidados e os noivos, óra apertados, óra sem forças, óra sérios, ora acompanhados de uma piada sem espirito, até que tocou a vez da pobre Laïs apertar entre os braços a sua estimada Lydia. Pungente e dolorosa foi a scena.

Agarrada nervosamente ao pescoço de sua irmã, Laïs sentia a alma despedaçar-se de tristesa enquanto o seu coração não mais batia; saltava-lhe dentro do peito. Beijou-lhe a fronte, a bocca, os olhos e os cabellos já num esforço supremo, pois que os soluços afogavam-lhe a garganta num desespero atróz e cruciante. Eram soluços sentidos de uma despedida cruel; ais de um coração sincero a morrer de dor; gemidos de um'alma pura que se aparta do corpo, os de Laïs.

A graciosa menina soffria mais que se estivesse a espirar num leito. Para ella, aquelle era o ultimo abraço, aquelles eram os ultimos beijos que, em vida, daria em sua amada Lydia.

A muito custo, ella entregou a sua irmã a Rubens que a enlaçou docemente num prolongado abraço.

Não supportou o pobre velho pae de Laïs aquelle triste adeus e, entre a alegria enorme de sua alma, deixou rolar duas lagrimas sentidas.

Sta. Consuelo Veiga — Diplomada pela Escola Normal de S. Paulo

Partiram, emfim, de volta ao morro onde a casa do velho negociante os esperava alegre e fresca. O bando seguia contente pela sinuosa estrada ao espocar dos foguetes e dos tiros das *garruchas* que traziam os convidados, como de costume, para festejarem os recem-casados, caminhando na frente o venturoso par precedido de Lais que parecia demandar ao seu calvario, resignadamente apoiada aos braços de seu pae.

Alguns passos mais e Rubens parou para salvar a sua ventura com um tiro da sua propria garrucha.

Tirando-a do bolso trazeiro, mal teve tempo de levar o dedo ao gatilho e um tiro echoou, forte, pelas montanhas de além. Imprudencia fatal!...

A arma, desarmando-se, varou de lado a lado o coração da pobre Lais que num augustissimo grito rolou por terra pallida e fria.

Estava morta!!...

Seriam seis horas da tarde.

Na tristeza profunda daquella tarde, as cigarras fugiam medrosas, as andorinhas, ariscas, procuravam os seus ninhos cortando o espaço com um doce ruflar de azas e o sol, num pallido amarello, beijava os altos das quebradas onde piava nostalgicamente um ou outro inhambú perdido.

Ao longe ouvia-se o monotono rinchar de um pesado carro de bois. A' beira das lagoas da baixada as brancas e pensativas garças de pescoço encolhido entre a plumagem, silenciosamente contemplavam a placidez das aguas limpidas. Lá, ao longe, no horizonte, subiam vagarosamente montões de nuvens, amarelladas pelo sol sem vida. Uma tristeza enorme amortalhava o mundo inteiro.

Descobertos todos do bando, fitavam Lais tombada á beira da estrada, sobre a relva, tendo as vestes inteiramente manchadas de um sangue rubro—vivo.

Lydia havia desmaiado e Rubens, como que louco, tentava descobrir em Lais um leve traço que fosse, de vida, ora querendo descerrar as suas palpebras, ora opprimindo o seu coração, no desespero horrivel de um inculpado assassino.

O velho negociante não mais chorava: abobalhado, pateta, de joelhos erguia os braços ao céu pedindo misericordia para a sua velhice.

Findos alguns instantes de dolorosa espectativa seguia, novamente, o cortejo agora funebre e silencioso até a casa do pobre velho onde o corpo de Lais fôra encerrado em um caixão tambem azul, coberto pelas flores de larangeira do ramalhete de Lydia e collocado na sala enfeitada ainda, porém com as flores e folhagens já murchas a chorarem de dor.

Lydia cobriu-lhe o rosto com o seu véu e Rubens depositou aos seus pés a sua arma assassina depois de lhe haver pedido perdão abraçado ao seu innocente corpinho.

O pobre velho, dizem, enlouquecera.

E hoje quem passa por aquella estrada, vê, em uma curva delgada e longa, á sombra de um bambuzal verde e pendido, uma cruz tosca, com algumas flores ao pé, como que a chorar eternamente, no silencio daquellas pairagens, de saudade pungente, a pallida e innocente Lais.

Rio—29—11—1915.

DE ABR. E SZA.

SONETO

Muitas vezes em sonho o teu airoso vulto
Irrompe d'entre o azul purissimo do céo,
No divino esplendor do mais sagrado culto
Ha tanto tempo já erguido ao nome teu!

Ah! quanta vez, ah! quanta, em meu scismar occulto,
Grato genio não vem dizer-me que é só meu,
Realmente só meu, esse amor com que exulto,
Amor, sublime dom, que o céo me concedeu!

Zeloso, ao pé de ti, quedo-me, a contemplar-te
Imaginando um céo ainda mais distante
E mais bello onde eu viva e este amor assim farte.

Louca sentindo embora alma que sóbe ovante!
Louca por teu motivo, a ler por toda a parte
As promessas que faz teu coração amante!

25—1—916 RICARDO BARBOSA

A Sublime Porta

Nestes dias fala-se muitas vezes na Sublime Porta de Constantinopla.

A Porta significa propriamente o palacio do sultão, e usa-se além disso para todo o governo turco.

O nome data do seculo XIII.

Originariamente chamara-se um palacio em Bagdad a Alta Porta. O Said al Mostarsen na sua fuga do palacio occultou na porta uma pedra que ainda provém do patriarcha Abrahão. Deste modo a Porta recebeu uma sagração e, diariamente, quem passasse pela porta havia de dar testemunho de sua devoção.

Desde então se chamava o palacio a Alta ou Sublime Porta.

Quando os turcos, em 1517, conseguiram o predominio, aquelle titulo transferio-se para a côrte do sultão.

Agora o palacio em Constantinopla, que é a residencia do grão vizir e onde os ministerios dos negocios interiores e estrangeiros se installaram, chama-se Babsili ou Sublime Porta.

A propria Sublime Porta é um largo edificio, com grande atrio, estylo Renascença.

No meio do edificio ha corredores com altas columnas. Neste edificio, do qual pende uma gaze mysteriosa, ha um seculo se fizeram os decretos, que muitas vezes foram para a Europa de significação importante.

D'onde o nome de Alta ou Sublime Porta valor como a significação do poder turco.

O edificio muitas vezes tornou-se uma victima das chammas, mas sempre se restaurou com muito cuidado.

A Porta é tambem symbolo, de como o poder turco na Europa sempre soube manter-se.

SOROR FABIA

O Tribunal monastico ia julgar a peccadora accusada de um crime nefando.

Em torno da mesa, freiras, velhas e moças, com os rosarios no collo, os capuzes cahidos, o rosto baixo, oravam pela criminosa.

Ardiam cirios em tocheiros enormes e o sino do convento, de vez, em vez, plangente e funebre, soltava um melancolico gemido de bronze.

O martyr Jesus era o juiz que do alto do negro cruzeiro presidia o julgamento.

* * *

Soror Fabia, de joelhos, esperava a sentença.

A um canto da sala ardia um brazeiro istalidante.

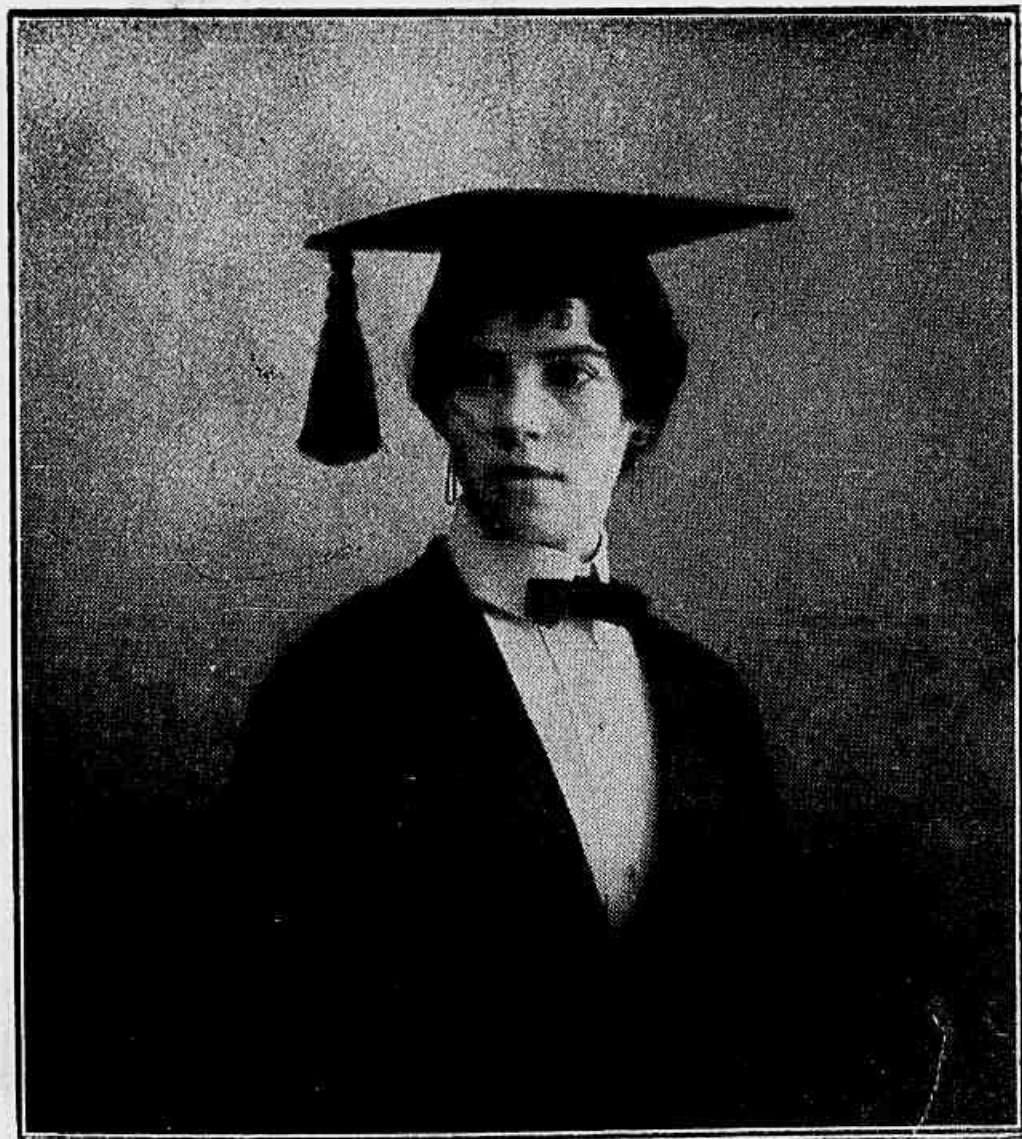
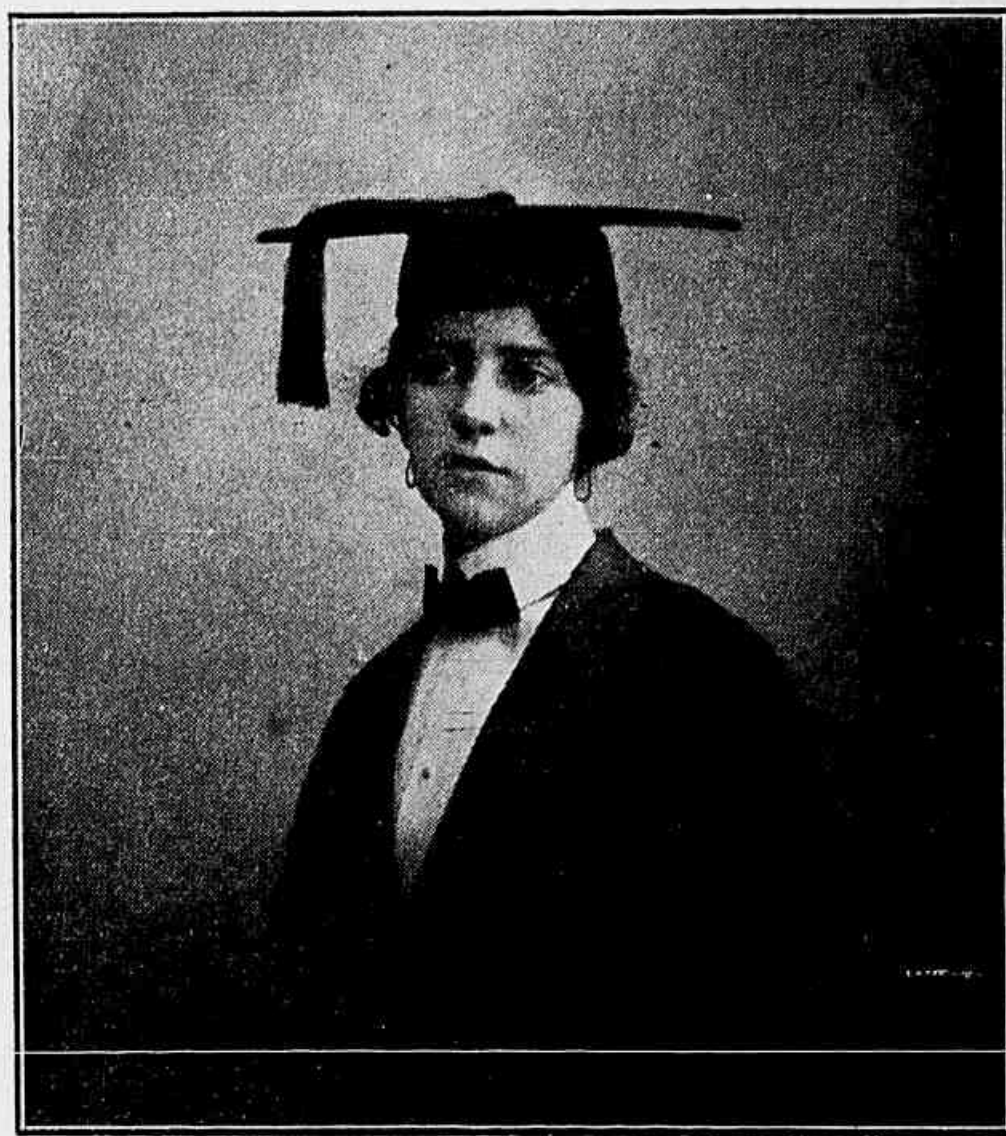
A um tempo, as freiras persignaram-se.

Houve um ruido sinistro e os rostos pallidos das ascetas voltaram-se para a condemnada.

Nem uma palavra, nem um movimento.

A braza, unicamente a braza, estalava de quando em quando vermelha e sinistra.

A um gesto da superiora, quatro monjas ergueram-se e a Soror Fabia, em nome de Jesus, fizeram-na sentar-se em um grabato. Tomaram-lhe os pequenos pés brancos e côr de rosa na palma—tomaram-lhe os pequenos pés, emquanto uma velha correu ao brazeiro para examinar a espatula candente.

O sino gemia de momento a momento.

Senhorita Cynira Veiga — Diplomada pela Escola Normal de São Paulo.

Senhorita Mercedes Veiga — Diplomada pela Escola Normal de São Paulo.

— Confesse, Soror Fabia !—exigiu a superiora.

Accusam-n'a de um acto iniquo, accusam-n'a de um peccado revoltante. Confesse, Soror Fabia !

* * *

A victima sorria.

Uma pancada secca sobre a mesa foi o signal da superiora.

A velha freira tomou a espatula do brazeiro e, acocorando-se, encostou-a na palma côr de rosa do mimoso pésinho da peccadora.

A carne chiou e a espatula, á força da pressão, curvou-se.

A victima sorria.

—Confesse, Soror Fabia ! tornou a superiora friamente.

Nem uma palavra : os olhos apenas, fixos no juiz crucificado, pareciam pedir perdão.

A executora aqueceu de novo a espatula e. damnada, applicou ao outro pé da freira.

As lag,imas saltavam-lhe dos olhos... e a misera sorria.

Confesse, Soror Fabia !

* * *

Um gemido repercutiu na sala baixa e lobrega, e a freirinha lavada em pranto, falou soluçando :

— A braza ! o ferro do supplicio, a braza... mais ainda é pouco, irmãs religiosas, é muito pouco ainda, para obrigar-me a soltar o meu segredo. Mais queima um beijo —eu recebi um em tempos que vão longe ! entretanto, abraza-me o coração, abraza-me ainda a alma esse primeiro e unico que recebi na bocca. Apezar de queimar com mais

intensidade, não confessei que o amava, amando-o como a minha melancolia de hoje affirma.

E vós, religiosas... e vós, bôas irmãs, exigis que eu o denuncie, queimando apenas as plantas dos meus pés a fogo lento. Incendiae meu coração! Incendiae minha alma que nem assim o sabereis! Nas cinzas do meu corpo não descobrireis o nome do que eu amo, irmãs!

Nunca descobrireis!

Dizendo estas palavras, cahiu desfallecida no grabato.

Foi justiçada á noite, á hora da meia noite, porém nunca as velhas monjas conseguiram saber quem era o cavalheiro, o moço cavalheiro, que pelo tempo dos luares vinha cantar amores debaixo da ogiva escura da cella de Soror Fabia.

COELHO NETTO.

RECUERDO...

Lembras-tes? Foi em maio, no poetico mez das flores e dos sorrisos, que nos vimos pela primeira vez! O teu olhar sublime e santo, fez nascer em meu coração o mais doce dos sentimentos,—O Amor.

Desde aquelle momento em que trocámos o primeiro olhar, senti que te amava e que de ti, dependia o meu futuro. Julguei que iria experimentar na vida, a suprema felicidade de amar e ser amada.

Triste illusão! Hoje, que decorridos são os annos, não resta mais uma scentelha do amor que tantas vezes me juraste, sob aquelle céo formoso da minha terra natal.

Nada compunge tanto na vida, como a saudade dos tempos idos que jamais volverão! Lembra-me o sublime pensamento do immortal Victor Hugo—Pensar é viver, recordar é reviver!—Viverei da lembrança do passado!...

Rio Grande.

ELOAS.

REMINISCENCIA

A' Therezinha

Esquecer-me dos tempos passados em que, extasiados, contemplavamos os rugidos das ondas que, anciosas, beijavam as areias e recuavam frémitas como se a praia lhe quizesse applicar algum castigo?... Esquecer-me dos dias felizes em que, junto a ti, ouvia o pulsar de teu coração ancioso pelo amor?...

Esquecer-me dos tempos, em que, attentos, escutavamos os gemidos saudosos das jurytis, pousadas nos galhos das palmeiras chamando as companheiras para os ninhos?... Oh! seria um desgraçado, que depois de ter sido palliado nos meus soffrimentos, procurasse occultal-o perante ti; não, repito, não esquecerei jamais aquelles tempos que a natureza levou, e eu, conservo na mente a grata recordação dos dias risonhos e felizes, que a nós eram dados passar sozinhos contemplando os lindos arreboés do nosso bello firmamento.

E hoje, que me resta destes tempos de outr'ora, que feliz vivia gozando as venturas de um amor sublime! O soffrer immenso, em que vive mergulhado neste profundo cataclysmo o meu pobre coração, após a nossa separação?

J. MACEIÓ.

Um grupo de alumnas da Escola Normal de Florianopolis — Em pé: da esquerda para a direita, Branca Blum, Maria Luiza da Costa, Estotalina Osorio, Herondina Albuquerque, Alayde Livramento e Fernandina Machado Vieira. Sentadas: Córa Linhares, Ondina Simone e Izolette Gouvêa.

NOTAS MUNDANAS

ANNIVERSARIOS

Em 19 do mez findo, o sr. coronel Augusto de Faria, festejou o seu anniversario natalicio, reunindo em sua residencia as pessoas de suas relações sociaes, as quaes offereceu uma "soirée" que correu muito animada.

Entre a selecta concurrencia notamos as seguintes pessoas: Mmes. Eugenia Jeremias, Rosa Fiuza, Beatriz Perrotta, Adelaide Campos, Algemira Pereira, Eva de Oliveira, Augusta Vieira Machado; mlles Izabel Faria, Agenora Fiuza, Semiramis de Freitas, Hermantina Vieira Machado, Dagmar, Alexandrina e Leonor Campos, Acolina Jeremias, Dagmar Goulart; e os srs. drs. Olyntho Machado e Joaquim dos Santos, Jeremias Alves, Antonio Pereira Campos, Waldemar Machado, Carlos Santos, Ozorio Fontes e revmos. padres Ramiro e Orlando Motta.

※ ※ ※

Fez annos no dia 21 do mez findo o dr. Maximiano de Figueredo, deputado, jurisconsulto e illustre homem de letras.

※ ※ ※

A senhorita Maria Gilda de Almeida commemorou o seu natal em 21 do mez findo.

※ ※ ※

Mme. Adalgisa de Almeida Costa, esposa do pharmaceutico Oscar Costa, por motivo de seu anniversario, offereceu uma recepção as pessoas de sua amizade, em 21 do mez findo.

※ ※ ※

Fez annos no dia 22 do mez passado a senhorita Mercedes Carneiro da Rocha, filha do fallecido almirante Carneiro da Rocha.

※ ※ ※

Faz annos hoje o sr. Francisco da Silva Pereira Junior, funccionario publico.

※ ※ ※

Completará amanhã mais um anniversario natalicio a Ex. Sra. Maria da Silva Pereira, virtuosa esposa do dr. José da Silva Pereira.

※ ※ ※

Transcorreu a 26 do p. p. a data natalicia da senhorita Julietta Granado, nossa intelligente collaboradora.

Completa mais um anniveisario no dia 3 a gentil mlle. Maria Moreira Lazary, que por esse motivo receberá, carinhosos cumprimentos de suas amiguinhas.

※ ※ ※

Faz annos no dia 18 do corrente a gentil senhorita Nair Fonseca.

※ ※ ※

Completou mais um feliz anno de existencia, no dia 21 do mez passado, a exma. sra. d. Maria de Souza.

※ ※ ※

Registrou no dia 22 do mez proximo passado, mais um anno de preciosa existencia o sr. Joaquim de Almeida Pinto, digno funccionario da 1ª Pagadoria do Thesouro Nacional.

CASAMENTOS

Realisou-se no dia 17 do mez findo o enlace matrimonial da senhorita Feliciana Pacheco com o sr. Paulo dos Santos.

Foram testemunhas: no acto civil, o sr. Felix Pinto e d. Carlota Gamo e no religioso, o sr. Felix Pinto e sua exma. esposa d. Albina Pinto.

※ ※ ※

No dia 22 do mez findo effectuou-se o casamento da senhorita Helena Soares, filha da exma. sra. d. Rosa Elvira Soares, com o sr. dr. Rolando Delamare, clinico nesta cidade.

※ ※ ※

Com a senhorita Alice Ferreira contratou casamento o sr. Manoel Ferreira Botelho.

※ ※ ※

Em Petropolis, contratou casamento a senhorita Guiomar Freire com o sr. Julio Kanitz, conhecido industrial.

NASCIMENTOS

O sr. Melchisedech Jehovah de Britto e sua exma. esposa d. Francisca Alves de Britto participaram-nos o nascimento de sua filha Jandyra, que vem alegrar e enriquecer o ditoso lar desse nosso amigo.

UNIÃO FAMILIAR

Realisou-se no dia 19 p. p., na séde deste Gremio em Jacarépaguá um baile organisado por gentis senhoritas residentes naquelle bairro. As dansas que estiveram muito animadas prolongaram-se até alta madrugada.

ESPERANTO KLUBO DE ARACAJU' — Sentados: Celecino de Oliveira Filho, orador; senhorita Norma Reis, vice-presidente; dr. Alcibiades Corrêa Paes, presidente; senhorita Cezartina Regis, 2ª secretaria e Orlando Corrêa Leite, thesoureiro. Em pé: Luiz Silva, vogal; Jardelino Porto, membro da commissão de contas; Pedro Machado, bibliothecario; Sebastião de Albuquerque, 1º secretario e Joaquim Lins de Carvalho, membro da commissão de contas.

A graciosa Senhorita Inah, filha do Dr. Fernando Costa, residente nesta Capital

TEUS OLHOS

(Para o album de Mlle...)

Como o irradiar da luz de duas estrellas que no firmamento gravitam assim são os teus olhos, formosa.

Nelles, que deslisam mansamente nos lagos das maravilhas de tuas orbitas, é onde encontro o «Fio de Ariadne» de minha vida, onde esqueço as amarguras do passado,--e onde antevejo a estrada do futuro, beirada de flores e revoada de borboletas azues.

Nelles encontro a synthese magnificante do bello—a musica, a poesia, a pintura, a natureza emfim, encerram-se nos teus olhos...

Nelles escuto harpejos suavissimos, que seduzem, arrebatam, e confortam...

Nelles vejo esvoaçar um bando de psychés e de colibris, que annunciam o despertar duma alvorada de amor...

Nelles encontro, emfim, a suprema ambição de minhalma—a affinidade electiva !...

12—12—915.

ARVORE DE JUPTER.

NOTAS THEATRAES

COMPANHIA LYRICA No dia 16 do corrente mez deve embarcar em Genova, no paquete *Principe de Udine*, com destino a Santos, a companhia lyrica italiana, organisada pelos Srs. Rotoli e Biloro, para o emprezario José Loureiro, devendo a estréa ter logar em abril no theatro São José.

Terminada a temporada em S. Paulo, essa companhia virá ao Rio de Janeiro trabalhar no theatro Lyrico.

Entre os artistas contratados figuram Alexandre Dolci, Narciso Del Ry e Maurel Salasar, tenores; Elvira Galeazi, Fernanda Chesa, Olga Singis, Giselda Ondorini, Rina Agoesino e Emilia Neferino, sopranos; Vieleff Scamuzzi e Torquato Luca, barytonos; Carlos Melochi e Michell Fiori, baixos.

Maestro regente da orchestra, cav. Arthuro De Angelis.

Figuram no repertorio, entre outras, as seguintes operas: *Fanciulla del West, Gioconda, Tosca, Rigoletto, Manon, Trovatore, Lucia, Traviata, Mignon, Otello, Carmen, Cavalleria Rusticana, Pagliaci, Fausto, Balli in Maschera*

✣ ✣ ✣

TRIANON Tivemos na quinzena pessada duas *premiéres* do programma: *Carnaval no Trianon* e *O Campos na caserna*.

A revista carnavalesca escripta por Fabio Reys, que indiscutivelmente tem talento e quéda para o genero theatral, não fez o successo a que estavamos habituados a ver para cada peça nova que o elegante theatro da Avenida leva á scena semanalmente.

Era mesmo impossivel arranjar uma revista carnavalesca com todos os matadores para o selecto auditorio do Trianon...

Não devemos terminar estas notas sem uma justa referencia á encantadora Abigail Maia, «a rainha da canção brazileira», que deu grande realce ao papel de *baianinha*, que lhe coube no desempenho da peça.

✣ ✣ ✣

A festa da distincta actriz Eliza Campos no dia 21, deu um feliz ensejo a que os innumeros admiradores de seu talento, lhe

A distincta actriz Elisa Campos, esposa do actor Augusto Campos.

tributassem enthusiastica e justa homenagem, accorrendo pres-urosos ao seu festival.

✣ ✣ ✣

S. JOSE' Está em scena neste theatro, fazendo as delicias dos seus innumeros frequentadores, a revista carnavalesca *Dansa de Velho*, de Carlos Bittencourt e Luiz Peixoto, os festejados autores do afamado *Forrobodó*.

Dansa de Velho constitue mais um ruidoso successo da companhia dirigida por Eduardo Vieira.

O desempenho irreprehensivel no conjuncto não permitte destacar nomes.

Terminando estas ligeiras notas diremos que *Dansa de Velho* é uma peça vistosa, movimentada, bem imaginada e com uma *mise-en-scene irréprochable*.

MODAS E MODOS

A MODA ficou estancionada! Sem duvida julgou-se com o direito de repousar depois da grande revolução que trouxe, ha alguns mezes passados aos vestuarios femininos.

Passou quasi sem transição apreciavel dos vestidos collantes, apertados, aos trajes amplos e largos.

Mas o que está averiguado é que os novos modelos pouco mudaram em suas linhas geraes.

A silhuêta permaneceu fiel ao modelo typico do anno passado. Entretanto ninguem duvida que as linhas geraes não tenham sido apuradas e melhorado o conjunto, ganhando em distincção e commodidade as toilettes actuaes.

Presentemente a moda consiste quasi que exclusivamente na combinação de tecidos differentes: fazendas pesadas e espessas, com um tecido leve, transparente, por exemplo: velludo, com *voile* de sêda ou rendas; setim ou taffetá, com tulle leve, organdini e rendas.

As combinações de tecido escossez em xadrez, com um tecido unido estão muito em voga; notando-se que neste anno os padrões em xadrez são preferidos aos listados.

*

Quanto a forma teremos de ver muitas saias duplas, volantes com *crespos*, direitos ou recortados, planos ou obliquos, plissados ou macheados (ruches), finalmente todas as guarnições que tiveram a preferencia das elegantes do segundo Imperio.

Vistosa *toilette* para senhorita, em *voile* de sêda, com bicos em laise de rendas, corpete da mesma fazenda sobre *corsage* de laise, mangas compridas.

No genero mais simples, a *jupe cloche* predominará quasi que exclusivamente. As saias draprées em *cascata* aos lados começam a ser usadas em grande escala.

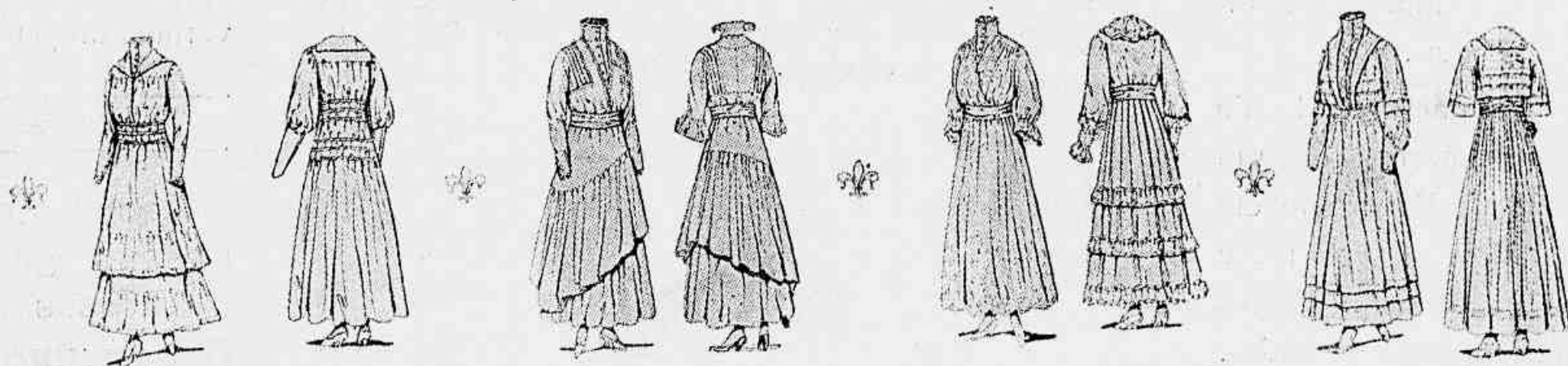
As jaquetas muito justas e cintadas assemelham-se em alguns pontos aos casacos usados pelos elegantes do seculo XVII, variando sómente nas formas das gollas e das mangas.

As gollas são em geral reversiveis apertadas, ou ligeiramente abertas.

As mangas são apertadas, ou largas acompanhando sempre a forma dos braços, terminando em *bouffantes* nos punhos ou então como as mangas de um kimono.

Os pequenos paletots direitos e curtos têm toda probabilidade de substituirem os grandes *manteaux* envolventes usados durante o inverno europeu.

Recommendamos as nossas gentis leitoras o interessante livrinho: *O que uma moça precisa saber para casar* edicção do "JORNAL DAS MOÇAS" que apparecerá por estes dias.

Le dernier cri — Elegancia e distincção.

Graciosa toilette em filó, enfeites de rendas e entremeios valencianos, saia com dois babados e e fôfos na cintura.

Elegante toilette em voile de sêda bordada, cinto de setim, *corsage* com golla alta, um pouco aberta e gravatinha de velludo preto, mangas compridas lisas.

Radiante toilette em setim da China ou mousseline e seda bordada com quatro babados, cinto comprido de setim cahido ao lado, mangas meio-curtas.

Encantadoura *toilette* em cachemire de sêda creme saia pregueiada na cintura e duas pregas largas na *barra* na blusa e nas mangas.

Elegantes costumes para passeio, em gabardine, sarjinha ou taffetá

Algo sobre a educação da mulher

(Conclusão)

Tres blusas primorosas, em seda, crepe da China ou nanzouck.

Não foi nem é com o intuito de me exhibir como pedagôgo, que escolhi o thema que acima vai exarado, mas, tão sómente para dizer algumas palavras sobre assumpto tão descuidado entre nós.

Importa não desluzir da mente que a mulher occupa um logar bem notavel em toda e qualquer sociedade.

Se assim é, devemos esforçar-nos tanto quanto se possa para o progredimento da sua educação.

O dizer que a mulher basta ter uma somma de conhecimentos muito limitados, não é proprio de quem pensa com acêrto ; deixemos asssim pensar os Australianos que apreciam a mulher unicamente em razão de seus serviços como escrava, e dizem quando se lhes perguntam, para que se querem casar (tomar mulher entre elles), que é para que ella se encarregue de trazer-me lenha, agua e alimentos.

Depois de adquirir muitos conhecimentos geraes, deve a mulher escolher uma profissão que esteja mais achegada e affim com a sua inclinação, e então aperfeiçoar-se, o que dizer vale, expecializar-se.

O nosso ensino secundario é quasi que unicamente expeculativo, deixando-se de lado como subjecivo e experimental.

A maior parte das donas de casa entre nós não sabe fazer uma pesada, e isso por que, em suas escolas nunca lhes mostraram uma balança de Roberval ou um desses dynamometros usados pelos nossos fructeiros, e poucas são as que sabem converter onças, libras, etc, em grammas.

Para ser uma futura bôa dona de casa não basta saber interpetrar Donizetti, Rameau, ou Beethoven.

Entre cem senhoritas da nossa *élite* só dez saberão inglez, cinco italiano e talvez uma allemão ; a geographia conhecem-n'a de nome, onde nasce o Amazonas, o S. Francisco ou o Sena, pouco importa.

Como corollario do que levamos escripto, deduz-se que as nossas senhorinhas (com excepção) malbaratam seu precioso tempo em assumptos de somenos importancia.

Lêm rumances mal traduzidos e inçados de barbarismos, desprezando os nossos melhores autores ; entendem que é melhor ler Lamartine, Hugo ou Bourget, no original, muito embora não os intendendo.

Dá-me a lembrar o caso de uma senhorita que, estando aprendendo a fazer chapeus, levava sempre comsigo, ao envez da tezoura e o dedal, um embrulho de musicas, e dizia que assim o fazia por que tinha, vergonha que alguma pessoa do seu conhecimento soubesse que ella se dedicava áquella profissão.

Felizmente nestes ultimos tempos ellas já vão occupando certos logares que até então só eram preenchidos por homens, taes como : dactylógraphas, gravadoras, telephonistas, pharmaceuticas, etc.

Nos laboratorios, ella poderia prestar relevantes serviços em virtude de seu genio curioso, e paciencia, que são cousas innatas no bello sexo. Para tal fim era preciso que tivessemos escolas praticas adrede creadas para esse mistér.

Se formos investigar o que inspirou á Gironda um governo constitucional na França havemos de ver que foi Madame Roland.

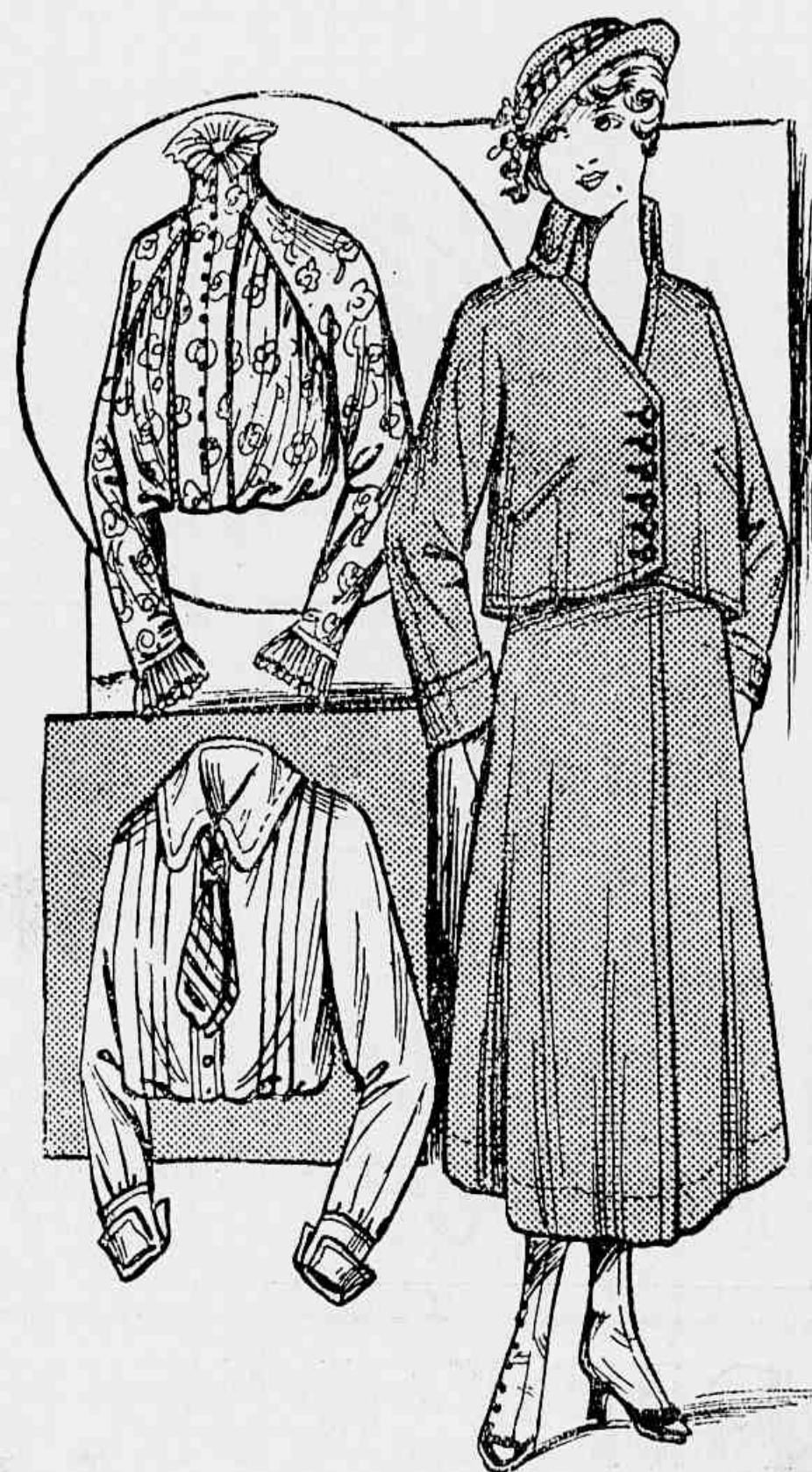
Quem inspirou a Napoleão as grandes idéas, senão Josephina?

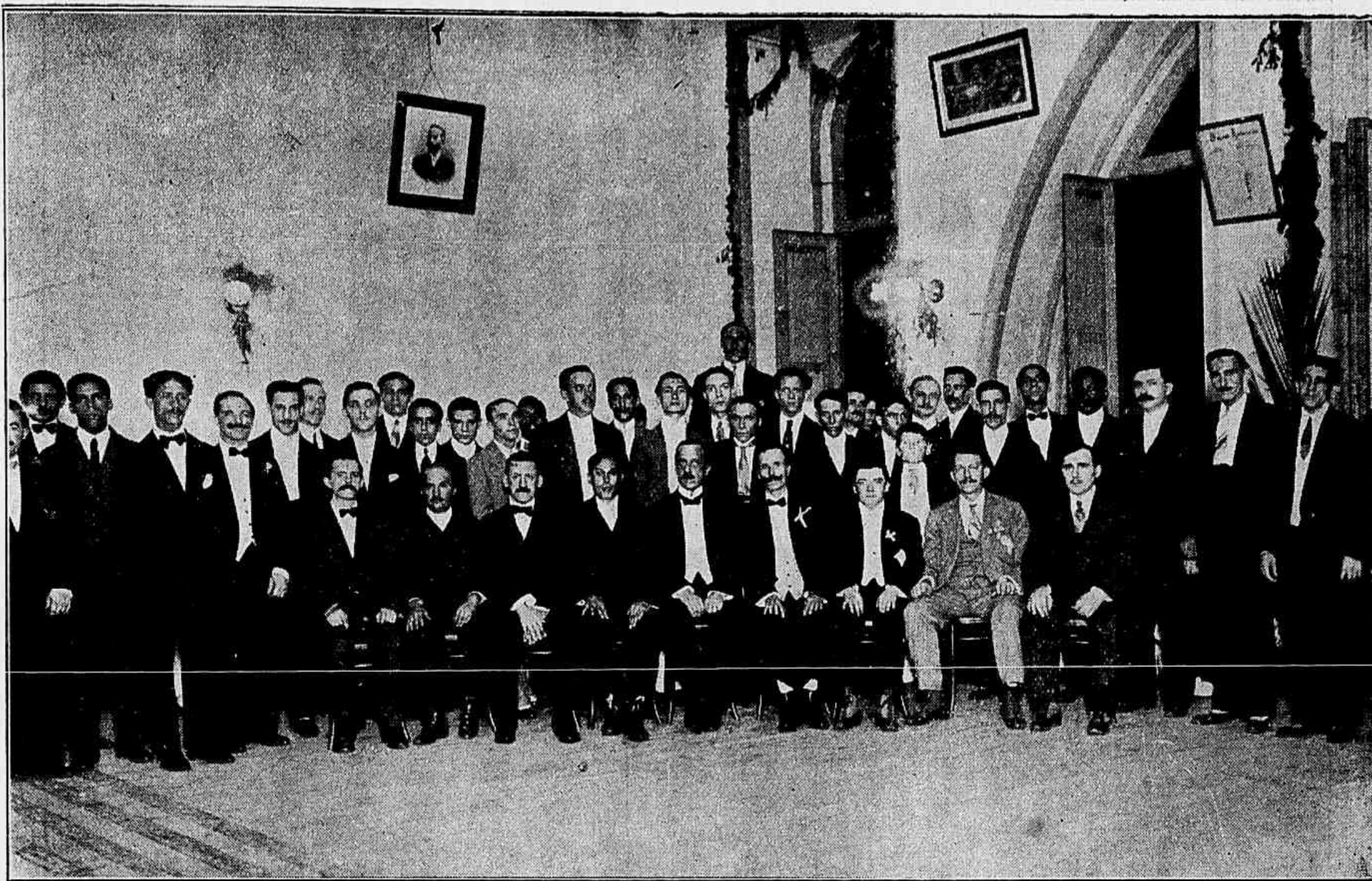
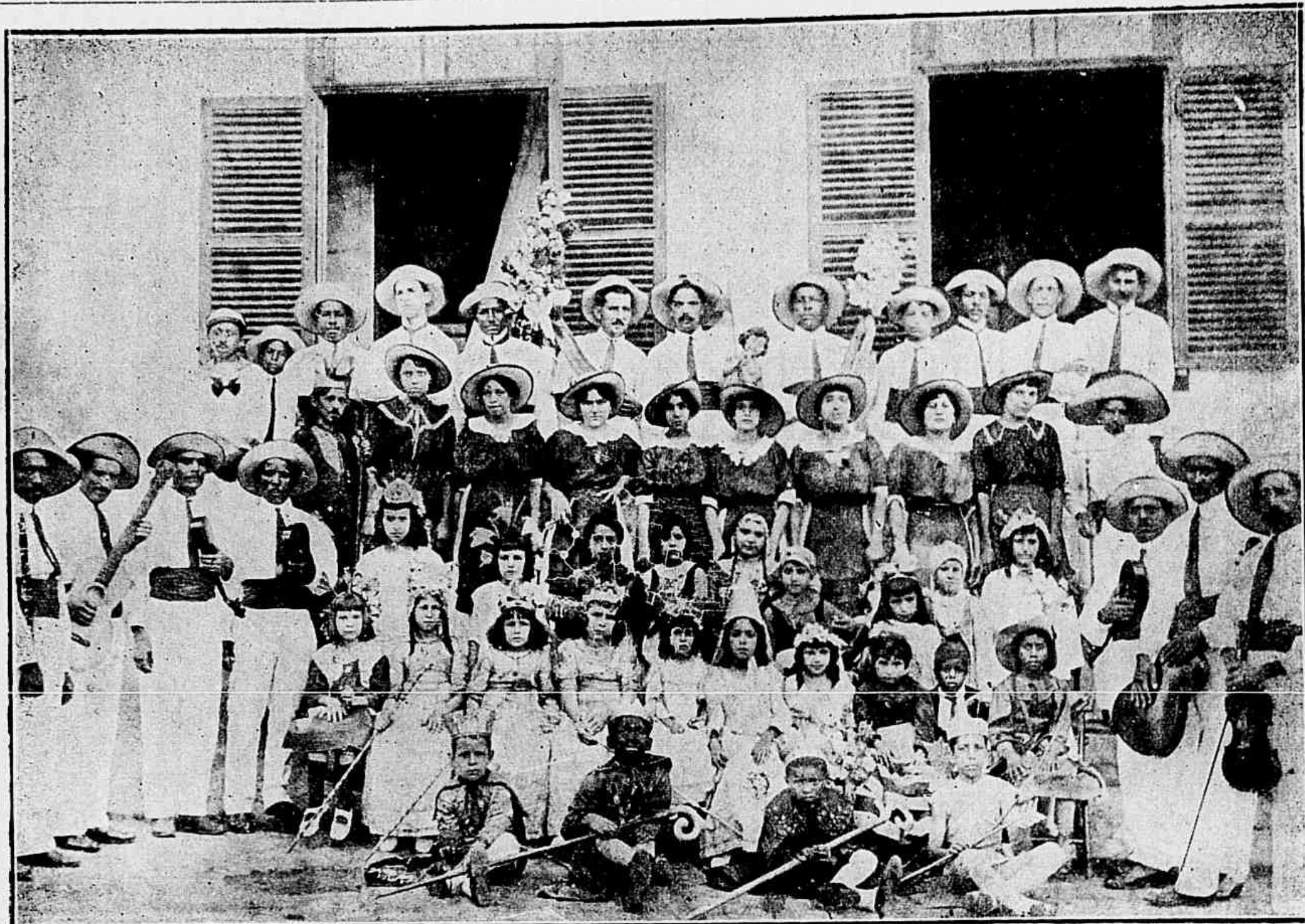
Não fôra Isabel de Hespanha, por certo o vacillante Fernando não teria prestado auxilio a Colombo.

Que seria de Homero, Dante e Camões se não houvesse uma Helena, uma Beatriz ou uma Natercia?

A mulher é a synthese de tudo quanto é bello e perfeito na terra; é em conclusão uma das raras pérolas do oceeno da humanidade.

Rio, 3-2-916.

JOSÉ NERY MACHADO

Duas blusas chics e um costume jaqueta para passeio.

CENTRO COSMOPOLITA

Cavalheiros e distinctas familias que abrilhantaram com suas presenças o sumptuoso baile offerecido ao Snr. Coronel Joaquim Ribeiro de Avellar, pelo Centro Cosmopolita desta Capital.

Grupo das alegres pastorinnas Argentinas de São Christovão

Beijo de gratidão

Para Eugeny

Lendo o numero de 1 de dezembro, deste conceituado jornal, deparou-se-me um rasgadissimo elogio á minha fraca pessoa.

Não poderia absolutamente deixar sem resposta uma caudal de palavras tão carinhosas e sinceras.

Seria uma falta de gratidão imperdoavel, se eu não patenteasse nestas simples linhas o meu eterno reconhecimento.

Agradeço-te, boa Eugeny!...

Só tu, pela immensa bondade que aninhas em teu coração, poderias—céga pela tua amizade—ver em mim os predicados que apontaste.

Generosa alma a tua!

Só mesmo, impulsionada por essa amizade, poderias dar os fóros de conferencia a uma simples e humilde palestra!

Nunca me será dada a ventura de escrever uma conferencia; porque a minha miseria intellectual, a minha nullidade, a minha insignificancia, a isso me impede.

E' pois, a esta bondade excessiva, minha Eugeny, que tanto te caracterisa, que captiva de prompto, todas as pessoas que teem a suprema felicidade de te serem apresentadas, que devo as bellas phrases que me dirigiste.

Reunes em ti, todos os bons e bellos sentimentos!...

Como filha, és o modelo das filhas carinhosas e obedientes.

Como irmã, excedeste a tudo que enquadrar se possa neste titulo.

Solicita, carinhosa e terna, tens sempre para com os teus irmãos desvelos, não de uma irmã, mas de uma mãe extremamente boa!

Como amiga, o teu coração—verdadeiro manancial do que ha de mais nobre, puro e sublime—sabe com a precisão da igualdade derramar sobre todas a quem distingues com a tua amizade, os reflexos dos teus nobres sentimentos, os beijos carinhosos de tu'alma boa e santa.

Como mulher, Eugeny, para aquellas que teem a comprehensão nitida do importantissimo papel moral que desempenham na Natureza, tu, minha adorada Eugeny, nada tens a desejar...

A mulher, como disse algures um poeta «é a synthese de todas as perfeições».

Que seria o mundo, querida amiga, se não houvesse a mulher?

Não me refiro aquellas que só se preoccupam com a moda; as inuteis e tolas.

Essas, acho que nem deveriam existir.

Fallo das mulheres superiores, intelligentes, sensatas e intellectuaes, das mulheres como tu, minha Eugeny.

Deus as poz na terra, para minorar os soffrimentos e enxugar as lagrimas da humanidade...

Creaturas assim, são flores raras, tiradas dos jardins celestes, para embalsamarem, com o seu perfume suave e puro, o ambiente viciado dos tempos hodiernos...

Ellas exercem uma acção hygienica, na perversão de caracter da sociedade moderna!

Será, pois, na tua cabeça illuminada por um talento de escól, que Deus deverá depor o resplandescente diadema da verdadeira felicidade...

Bangú=25—12=1915.

NAIR SANTHELMO.

NO OLYMPO

Nas rubras labarêdas de minh'alma
aspirações sem calma
sinto, como um thesouro
de ouro,
de mocidade, sangue e de verdor.
Sem encontrar emfim, um só louvor,
vejo a grandeza inteira que define
o puro sonho azul — de Lamartine!

Num timido arremedo
do sonho furta-côres
o candido segredo
dos amores,
na perfeição artistica do canto,
faz descerrar meu labio macilento,
neste sorriso envolto em triste pranto,
retratando afinal o meu padecimento,
quando a voz, num gemido,
como a tristonha queixa de um descrido,
— num poema de sangue,
— num poema nervoso,
ergue feras sezões das entranhas dum mangue
verdoengo e perigoso!

Desdobrando,
o luminoso véo dos meus scismares
julgo assistir apenas,
neste soberbo *harem* dos meus sonhares,
as nenias mais serenas,
que vão o meu sentir crucificando!

Na pureza symetrica da fórma
de uma flor, mais real que as outras flores
abandonada ao morbido quebranto,
no vigor, vae trazendo, os mil fervores
despertando no craneo — inteira norma
do compasso vivissimo do canto,
apparecendo um vulto
soberbo — um terno e puro encanto
que me leva a render um portentoso culto.

E minh'alma somente
liberta-se do tedio
se acaso, de repente,
de tua voz — esse timbre delicado
escuta,
como o cantar mais lindo
duma aurora impoluta
que vae meu sonho inteiro, confundindo.

Na idéa facetada e linda da ternura
sinto o sarcasmo infinito
que me envolve na sombra da tortura
e que me arranca um doloroso grito
como Gœthe revendo os arremedos
dos lavores fataes — dos pallidos enredos!

Novamente desperta,
a minh'alma deserta
sente a tragedia má dentro do peito
num perfeito,
turbilhão de sangue tropical,
contendo esphacelada
por maldito chacal
a crença luminosa, ardente impulsionada,
...Na pilha galvanica da fibra
inda mais se equilibra
no emtanto,
a inspiração confusa e rapida do canto...
...e minh'alma desperta
novamente deserta.

E vive em mim um gigante disforme
enorme,
surgindo do proscenio,
do bárathro da morte
como um rasgo de luz — como um rasgo do Genio,
apaixonado e forte!

Transfigurada
sinto-me, pouco a pouco transportada
na vaporosa essencia
que nectarisa os sonhos da existencia.
Este gigante
enorme,
deslumbrante
e disforme,
que vive dentro em mim em desvairado anceio
é mais talvez
do que a propria luz do lindo devaneio
pois, conduz á embriaguez.
Do sonho indefinido — é rúbido licor,
um effluvio immortal, ambrosiano e tão forte,
que me salva da morte:
— Seiva das gerações, denominada: AMOR!

VIOLETA — ODETTE.

Pierrot apaixonado

Nelson Barros

(Tango Carnavalesco)

Intr.ção

Fim
Trio
D.C à Introducção

MYSTERIOS

A' Guiomar Dolores.

Na base de alta serra coberta de densa neve existe uma argentea fonte, onde, pela manhã, o magestoso Phebo, lêdo e arrogante, se mira descuidado, namorando a belleza de suas linhas esculpturaes que se reflectem nitidamente no claro espelho das crystalinas aguas ou, talvez, procurando desvendar o fundo mysterio que ahi se guarda.

A doce tonalidade das aguas limpidas da ignota fonte tem uma attracção irresistivel para o Astro-Rei.

Ao lado da gigantesca serra, eleva-se um penhasco, no pincaro do qual um grande cruzeiro negro abre os seus braços para o vacuo azul dos horizontes.

Ahi, na solidão dessa paragem mystica, impregnada de suave aroma de extranhas flores sobre cujas petalas, vermelhas como calices de sangue, pousam trefegas borboletas de ouro e lilaz, paira um silencio supulchral, de longe em longe quebrado pelos maviosos descantes de avesinhas arribadas e pelo sussurrar monotono das velhas frondes que lhes dão carinhosa hospitalidade no verdejante ergastulo das suas folhas tremulas.

Abelhas esvoaçam em torno do maracujá que entrelaça os seus reptantes ramos aos troncos carcomidos.

As galantes Lenyra Macedo e Aurora Ramos no duetto *A Partida do Manel*, de Eustorgio Wanderley, exhibido no "Collegio Santa Margarida", em Recife.

A symbolica flor da Paixão, de concerto com o cicio do louro enxame, empresta ao sitio um quê de harmonica tristeza; enche-o do effeito que se desprende das suas petalas orvalhadas sob a musica descompassada dos pequeninos insectos.

Ha como que uma endeixa no gemer constante de altissimos floculos de espumas que rolam nas pedras das cascatas!

Ha como que um rimario de soluços na combinação esdruxula desses rumores todos.

Ao pé do grande madeiro negro uma aphyla tosseira de amellas, de ramos agitados pelo sopro do zephyro, agazalha feio passaro côr das noites de tormenta, que, ao lusco-fusco, ruflando as azas, se atira sobre a fonte e vae gemer soluços nas cumiadas.

Nossa sympathica leitora Senhorita Elysinha.

E' o Dragão, a sentinella do mysterio que se occulta sob as aguas hyalinas da fonte solitaria.

E sabes tú, minha boa amiga, porque é que esse recanto tem o cunho real de um socegado e célico logar? Ouve. Aquella serra, coberta de densa neve, é o meu dorido coração, frio e descrente; a fonte, cujas aguas revoltas levam em remoinhos as pétalas rubras das flores exquisitas, é o perenne manancial das minhas lagrimas impellindo para o acaso da vida os meus sonhos desfeitos cruelmente pela pesada mão do Destino e o passaro negro é o meu Amor que, arrimado á cruz piedosa dos meus agros martyrios, chora a tua ausencia, guardando religiosamente o mysterio insondavel das minhas esperanças combalidas.

Rio—15—12—915.

J. ALVES D'ALBUQUERQUE.

A BONECA

A boneca é uma das imperiosas necessidades e ao mesmo tempo um dos mais encantadores instinctos da infancia.

Vestir, enfeitar, despir, tornar a vestir, ensinar, ralhar um poucochinho, animar, cantar e fazer dormir, afigurar-se que um objecto qualquer é alguem, eis resumido o futuro da mulher.

Sonhando e tagarelando, fazendo enxovaessinhos, fraldas, cueiros, a creança passa a ser moça, de moça a ser mulher.

O primeiro filho é a continuação da ultima boneca.

Uma menina sem boneca é quasi tão infeliz e tão incompleta como uma mulher sem filhos.

VICTOR HUGO.

Maravilhas do Universo

Dirigindo em favoraveis condições de visibilidade, um simples binoculo, para a região celeste que fica a uns 4 gráos ao sul da magnifica estrella *Sirio*, descobre-se no campo do binoculo, uma pequenina mancha leitosa, quasi que uma simples indicação de *mais luz*, no ponto observado.

Esta observação deve fazer-se durante o inverno, de preferencia em noites escuras e limpidas.

Dispondo de um oculo celeste, que augmente 85 vezes, fica-se abysmado em frente desta maravilha sideral. Num espaço, não maior do que o occupado por tres quartas partes da Lua, contemplam-se, isoladas umas das outras, 92 estrellas, comprehendidas em varias series de brilho, desde a 8ª á 11ª grandeza. No meio do grupo uma estrella um pouco avermelhada, brilha um pouco mais que todas as outras. Nesta região central, toda ella mais brilhante que os extremos do grupo, parece notar-se um primeiro indicio de concentração. Alguns dos astros são duplos.

A alma sente-se enlevada, e como que perdida no illimitado, perante a contemplação e o exame de tão opulenta aggremiação de sóes. Reflectindo nas suas grandezas, e sobretudo no afastamento individual, tem que se ficar espantado com o calculo da duração do trajecto que a luz deve ter empregado para transpor o insondavel intervallo que delles nos separa.

Com effeito, póde-se representar a distancia e as dimensões deste grupo situado nos abysmos constellados da nossa immensa Via Lactea, tomando para base a escala das profundidades estellares, estabelecida pelos resultados das medições celestes.

Essa base é a seguinte:

1.º A distancia de "Arturo" á Terra.	60 trilhões de leguas
2.º O trajecto de sua luz..........	25 annos
3.º A velocidade da luz por segundo	75.0 0 leguas
4.º A profundidade estellar das estrellas de 9ª grandeza.......	34,3

E chega-se aos seguintes numeros, de certo modo problematicos, porém, fundados sobre dados médios acceitaveis: (leguas)

Distancia á Terra =	2.058.000.000.000.000
Diametro do grupo =	15.000.000.000.000
Trajecto da sua luz =	857 annos

Parece que este universo longinquo terá no minimo, um diametro de 15 trilhões de leguas! Tal é a immensidade desse formigueiro celeste, do qual cada um dos seus pontos é um verdadeiro Sol, e que nós conseguimos vêr, como uma pequena mancha leitosa, num simples binoculo de theatro.

Uma dama entra num baile ricamente vestida; tem, porem, seus quarenta annos e ainda traz o seu *bouquet*.

Um cavalheiro lhe offerece o braço.

— Como se chama, minha senhora? lhe pergunta elle.

Florentina, responde ella.

— Ah! minha excellentissima! exclama o cavalheiro, *flôr-em-vaso* lhe ficaria melhor que *flôr-em-tina*.

* * *

Em um baile:

— Não poderiamos variar um pouco cavalheiro?

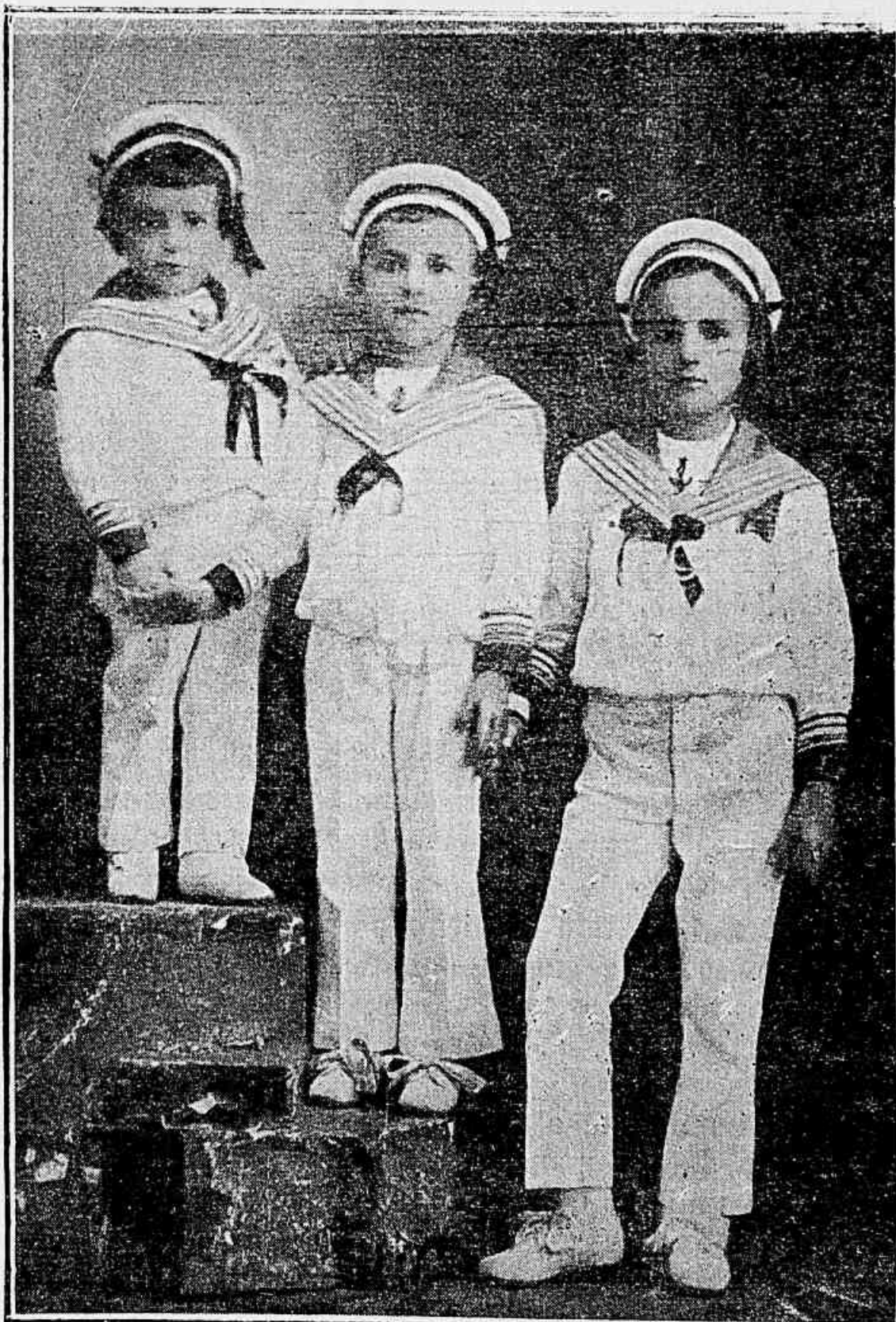
— Que quer dizer V. Ex., senhorita?

— Que me pise o pé esquerdo, porque o direito... já não posso mais!

A' minha mãesinha

Ao cahir da tarde, quando o sol deixa a terra em busca aos montes tenebrosos, fito o céo e occultando as minhas maguas no manto da saudade, procuro a solidão para consolo do meu coração. Immovel fico e penso... não posso proseguir no meu sentimento e a minha imaginação juvenil, acodem mil recordações e afflições. Temo pensar no futuro e busco então como balsamo ás duvidas, vossos conselhos, minha mãe! Descobrir, porém, o que de dolorido e triste se passa em minh'alma, não tenteis.

Dai-me, minha mãe, vosso sorriso para desabafo ás minhas dôres, vossos conselhos para allivio aos meus prantos e beijos, muitos beijos para purificar os temidos sonhos do meu inexperiente coração.

Niteroy. ZILÉA.

Os intelligentes Alcy, João Baptista e Jayr, filhos do Sr. Cicero Velasco, representante da Casa Benevides, Pinna & C.

Nossas gentis leitoras, Margarida Tramontana e Maria Tramontana.

A ENCHENTE

Chovia a cantaros. A noite baixára, sinistramente negra, sobre os campos empapados das bategas de uma semana a fio.

A' beira da estrada, reduzida a um atoladeiro, a choupanazinha emergia, desaçaimada, do atasca circumjacente.

A poucos passos, o ribeirão escachoava fragorosamente, avolumado pelas torrentes pluviaes que lhe iam elevando o nivel.

Pelas margens reboava, estrepitoso, aquelle ronco da caudal que se atropellava, arrastando troncos de arvores, pedrouços, tudo o que encontrava á altura da corrente impetuosa e evulçora.

O rio, mal contido no leito pelo accumulo de tributarios improvisados, a engrossarem-no, descendo em enxurradas lamacentes pelos declives proximos, ameaçava espraiar-se pela varzea, afogada já num sudario de aguas turvas.

Estava imminente a inundação.

A' porta da choupana chegava, de vez em quando, um vulto de mulher, quedava indiciso alguns instantes e desapparecia no interior humilde do casebre.

No dia anterior, o marido sahira com a tropa, em demanda do arraial visinho, a tres leguas de distancia.

Ficára de voltar a tarde, porque a molestia do filho não permittia ausencia demorada.

Mas, os continuos aguaceiros, descendo em catadupas borrascosas, vinham transtornar-lhe o plano.

Nenhuma estiada promissora o animava a emprehender viagem por estradas ruins, alagadas, cheias de perigosas barreiras prestes a desabar.

Nessa noite, a creança peiorára de modo a assustador. A mulher estava como doida.

Afflicta desgrenhada, não sabia mais que fazer. Ia do catrezinho, onde jazia o enfermo, á porta; voltava, cobria de beijos o rosto do filho, como que procurando infundir vida nova áquelle, com a pressão affectuosa dos proprios labios sobre a pelle resequida da face febril do anjinho.

O beijo é a derradeira esperança das mães quando estão esgotados todos os recursos.

Num beijo, vae todo o coração materno: é a therapeutica do amor tentando a salvação.

Lá estava ella de novo á porta... E o marido porque não voltava?

Porque não viéra compartilhar a magua de assistir á agonia do filho?

Negros presentimentos assediavam-lhe a mente. Os caminhos eram maus, abria-se um lodaçal a cada palmo de terreno. Provavelmente, o marido ficára pela estrada, chafurdado em algum atoleiro.

Procurava alongar os olhos pela treva, immobilizava-se julgando ouvir um tropel de animaes...

E de novo impacientava-se, torcia as mãos, afflicta, desatinada...

A chuva desabava num dilluvio e o rio visinho bramia gorgolões, otroando a cercania.

O doentinho não dava mais acôrdo de cousa alguma. Extendido no leito, palpebres entreabertas, braços cahidos em abandono symptomatico, as narinas dilatadas, arfava nos estertores de uma respiração diaphragmatica penosissima.

A mãe ajoelhou-se no leito e apoiada sobre as mãos, uma a cada lado do enfermo, poz-se a miral-o demoradamente, allucinadamente, olhos exhorbitados, a clamar pelo filho, syllabando ternuras, como se lagrimas de mãe fossem barreira bastante para desviar do curso o fim proximo dos filhos... Da parede, pendia suavemente o recurso extremo, uma imagem da Virgem. Os olhos da desgraçada moviam-se do filhinho para a estampa; desta para aquelle... Appellava para o milagre, implorando o soccorro da Mãe de Deus... Lá fóra, o rumor crescera, subita...

A mulher interrompeu a prece prestando ouvidos...

O ruido cavo redobrava de intensidade... Era como um côro surdo de Furias, em carreira vandalica...

Avultando de tonalidade, approximava-se soturno... A mulher pensou logo na enchente... O ribeirão transbordára... E correndo precipite á porta. Não se illudira...

Em direcção á choupana caminhava a massa escura de agua.

O desvairamento que o perigo proximo produzia não conseguiu, porém, dominar o cerebro super-excitado de mãe a ponto de tentar a fuga abandonando o filhinho...

Comprehendeu que, um minuto mais, a correnteza estaria alli, força destruidora, levando a casa de vencida, na brutalidade de um encontrão formidavel... Correu ao quarto, arrancou do leito a creança inerte, amplexou-a fortemente contra o seio e retrocedeu para porta...

Volumosa columna dagua cortou-lhe a retirada e num embate vigoroso e repentino arremessou-a de encontro a parede.

Um grito doloroso recebeu a inesperada visita: a enchente penetrava-lhe o pequenino lar.

E a agua subiu em borbotões, inundando os aposentos, rugindo desesperadamente.

A desventurada mãe, estreitada ao filhinho enregelado e enlanguido, encostou-se a uma janella...

A agua ia subindo, ganhava-lhe a cintura... ia subindo... tocou-lhe o peito... A mulher suspendeu no ar o pequeno e extremecido fardo...

Faltou-lhe o equilibrio, foi de bôrco, em mergulho profundo.

Voltou a tona, agarrada ao corpinho flacido do menino.

A correnteza arrenbentou as portas e janellas numa investida mais forte.

Varias paredes da choupana ruiram com estrepito. E os dois corpos começaram a boiar no oceano immenso dos campos inundados.

A principio de espaço a espaço, a voz aguda e dolorosa da mulhor vibrava sobre as aguas em imprecacões lancinantes... E a enchente caminhava, esbarrondando diques, arredando estorvos, arrazando tudo. Depois... Era unicamente o surdo escachoar das aguas, sobre os céos negros, escancarados em cataratas...

Os dois cadaveres lá iam, jungidos um ao outro, a mãe e o filho estreitados no terrivel abraço final, envolta com a galharia das arvores, troncos, mil impecilhos que a enchente arrastava como trophéus de victoria... Lá iam...

MARIO LIMA.

Um beijo antes de partir

Uma linda americana se apresentou em Nova-York numa loja de musicas, e comprou meia duzia de peças que lhe faltavam na sua collecção; pagou e retirou-se. Apenas o caixeiro mettia o dinheiro na gaveta, tornou ella e disse-lhe:

— Esqueceu-me uma cousa.

— O que foi, senhora?

— Um beijo antes de partir; respondeu a menina.

O caixeiro que não estava costumado a esta dóse de linguagem, fez-se muito vermelho, e ia esconder-se atraz do balcão, quando conheceu que o *beijo antes de partir* era o titulo de uma peça de musica, que tinha esquecido a encantadora americana.

A galante Maria da Gloria Xavier Bastos—Campos

A CARIDADE RECOMPENSADA

A' beira da grande estrada de Hespanha, por onde passavam de braço dado, ao voltarem das corridas, bonitas raparigas e bonitos rapazes. — o triste mendigo, ainda moço, bem embrulhado na sua capa andrajosa — pedia a esmola, dizendo que não comia havia já dous dias, e apezar da forte saude da sua carne tão queimada, que parecia de ouro, vista pelos rasgões dos farrapos, advinhava-se que elle não mentia.

Bastava olhar-se para o seu rosto digno de lastima e para suas faces cavadas pela fome.

Entretanto os que passavam, entretidos com canções e amores, nem mesmo delle se apercebiam.

Pois que? deixariam morrer de fome o bello mendigo, á beira de uma estrada tão concorrida?

Apenas tres raparigas de 20 annos, gorduchas e risonhas, se detiveram um momento compadecidas.

A primeira deu-lhe um «reale».

— Obrigado, disse elle.

A segunda deu-lhe uma «pezeta».

— Deus a pague! disse elle.

A terceira, a mais pobre e a mais bonita, não tinha nem «pezetas» nem «reales»; deu-lhe um beijo sobre os labios.

O faminto não proferiu uma palaxra; mas chamando um vendedor de flores que passava, comprou com o dinheiro esmolado um grande ramo de rosas e offereceu á bella rapariga.

CATULLE MENDÉS.

TORNEIOS CHARADISTICOS

Terceiro torneio — Não obstante já terem sido entregues os premios ás gloriosas vencedoras deste torneio, só agora tivemos opportunidade de publicar a apuração geral.

Chloris, Chrysanthémé d'Or, Colibri, Euterpe, Menina de Chocolate, M. d'Angoulême, Mysteriosa e Noemia B. — 51 pontos; Ruth Villa Flor — 50; Junulino — 46; Sinhá Velha — 45; Santinha — 44; Souci — 43; Ailez — 33; Mir Dag — 29; Maluquinha — 28; Mercês — 27; Verda Stelo — 26; Cycy — 25; Farfalla Azzurra — 17; Nininha — 10; Balbina Garcia da Silva, Garota Nonicia e Nemrac Ladiv — 8; Papillon Rose — 4; Carolina da Fonseca, Clio e Mlle. Alzira — 3; Aspasia de Mileto, Celina Muniz, Melpomenes, Pequitita, Roitelet e Rosa Pernambucana — 2; Ivna, Pasquinha e Stela Garcia — 1.

Houve empate entre as concurrentes que alcançaram 51 pontos, cujo resultado foi favoravel a Noemia B, para o primeiro logar, e a Menina de Chocolate, para o segundo.

O premio do melhor problema foi obtido por Chloris.

A' primeira offerecemos, no dia 22 do mez findo um sabonete, um vidro de extracto e uma caixa de pó de arroz de excellente qualidade; á segunda, um lindo e artistico pucaro para pó de arroz e á terceira, uma rica manicura.

Chloris agradece com gentilleza os votos que as suas collegas lhe conferiram.

Quarto torneio — Recebemos votos para o melhor problema publicado nesse torneio.

Sexto torneio — Premios ás duas decifradoras que obtiverem maior numero de pontos, e a autora do melhor problema.

PRASO — Vinte dias para as decifradoras desta Capital; vinte cinco dias para as dos Estados de Minas, S. Paulo e Rio; trinta dias para as dos demais Estados.

DICCIONARIOS — J. I. Roquete e Simões da Fonseca.

SEXTO TORNEIO

Problemas ns. 1 à 15

Charadas novissimas

1 - 2 — Na China o appellido de mulher é zombaria.

Farfalla Azzurra.

2 - 2 — O amor é uma doença tal que tambem ataca ao roxinol.

Violeta.

1 - 2 — Foi pelo braço lançado fóra.

Verda Stelo.

1 - 2 — Siga o professor sem medo.

Nemrac Ladiv.

1 - 2 — Com este instrumento da arvore vê-se o deserto.

Singella.

Charadas em metagramma

(VARIA A 4.ª)

6 - 2 — Que molestia tem este homem?

Cabiria.

(VARIA A 1.ª)

7 - 2 — Fui avisado por um moço gracioso.

Clio.

Charadas casaes

2 — O gatuno está escondido neste montão.

Junulino.

2 — E' um facto do lar.

Colibri.

Logogriphos

(A' gentil Rosa do Adro)

Aprecio—6—14—12—8—9——13—a cidade—4—2—3—1—em que o amor—1—13—11—5—10—tem por fim—7—8—9—4—recompensas.

Leduc.

(A' valente Euterpe)

Adeja se queres governar { 6—4—1—2 / 3—4—1—5 }

Ailez.

(Ao mestre Orama)

Si com usura—9—2—15—5—e boa argamassa—7—17—18—7—6—construires uma cidade—1—8—16—12—sobre o rio,—14—3—4—10—dou-te titulo honorifico—13—17—11—com nome de homem.

Bloco das encantadas.

Charada antiga

Eu vi, num rio do norte, — 2 —
Uma féra num berreiro — 2 —
Ferida, na ancia da morte,
Pelo tiro de um guerreiro.

Lucimira.

Charada mephistophelica

(A' distincta collega Mysteriosa)

2 - 2 - 3 — Quem pertence á ordem de São Bernardo, sendo pessoa meiga, não deve beber agua de poço.

Celina.

Charada invertida por lettras

5 — Senhora, isso significa vista.

Arlinda Lima.

CORRESPONDENCIA

Leduc — Já fostes satisfeita. Recebemos outra carta.

Cabiria — As soluções explicam a urdidura. As metathéticas soffrem transposição de letra e as médias estão sujeitas a retirada de um certo numero de syllabas do centro da primeira palavra, que formem outra palavra. Quanto ao praso, as «Condições» acima vos satisfazem.

Alayde — Não é indulgencia, porém o reconhecimento da competencia das nossas collaboradoras e a justiça a que somos obrigados a manter, que nos tornam gentis para o bello sexo. Fostes inscripta.

As Tres Graças — Teremos immenso prazer em publicar a photographia do lindo ramalhete das lindas *Graças*, pois, alimentamos a pretenção de solicitar os retratos de todas as nossas collaboradoras para publical-os nesta secção. A collega Aracy nada tem a agradecer, que seja bem feliz.

Não são somente as mulheres as faladoras, tambem os homens falam muito, vêde o quanto proso!

Menina de Chocolate, *Euterpe*, *Somnambula*, *Isa*, *Cycy*, *Mercês* e *Souci* — Recebemos.

Fé, *Esperança* e *Caridade* — Que bellissima trindade! Serão tres pessoas distinctas e uma só Deusa verdadeira?! Inscriptas.

Orama.

COUPON

Torneio charadistico para moças

Voto no problema n.º

....

COUPON

Torneio charadistico para moças.

1—3—916

Correspondencia do JORNAL DAS MOÇAS

J. SILVA, JASMIN, HUGO, R. FONSECA, R. D'AVELLAR, A. BARBOSA, DIDI, RAMALHO, AVELINO MOURA, P. LUZ, VENUS, C. ROLDÃO, J. P. DA SILVEIRA. — As suas composições poeticas estão exigindo alguns retoques metricos para que possam vir á luz da publicidade sem incorrer na censura dos entendidos.

E. DO NASCIMENTO. — Como estão fraquinhos os seus *Odeo a vida e Amor Materno!*

S. C. CASTRO. — A sua **?** não está descripta de accôrdo com o objectivo que teve em vista.

D. DOS SANTOS. — Sinceramente, a sua producção em prosa deixa muito a desejar, com pezar o confessamos.

VERIATO BRANDÃO. — Não está bem descripto o seu *Agora é tarde!*

DINAH R. — Porque não imprimiu á sua *Cruel timidez* maior desenvolvimento na acção e mais accentuado cunho litterario?

J. SARAIVA — *Pernambuco.* — Não está perfeito o sentido do seu soneto.

J. F. JUNIOR e H. GRAÇA. — Porque não manuseiam, antes de perpetrarem versos, qualquer manual de metrificação?

J. MANCO. — Assim como o indica o seu appellido, estão os versos do seu soneto.

W. F. M. — Pois o senhor tem a incalculavel ousadia de lançar mão de um primoroso soneto de José Bonifacio e atirar por baixo delle estas tres iniciaes, a ultima das quaes póde indicar o nome do *maroto?* Quem é o autor do outro soneto que na mesma occasião veio com aquelle?

A nossa collaboradora que nem coragem teve de assignar as quadras subordinadas ao titulo de *O desengano*, não nos fará o obsequio de declarar a quem pertence de facto a autoria dessa producção poetica?

W. C. — *Bello Horizonte.* — Muito fraquinho o seu trabalho.

O. KALLUT. — Muito pouco interessante o seu *Devaneio.*

M. LUCILIA DE FREITAS. — As suas numerosas quadras estão todas com os versos exigindo muletas. Porque não se dá ao trabalho de aprender metrificação? *O Jornal das Moças* já tem ministrado instrucções nesse sentido.

URZE. — Petropolis é effectivamente um ninho de encantos, uma região verdadeiramante fadesca, mas é preciso ser encarada por varios aspectos e não só pelo murmurio de seus bosques. A mesma tecla faz nascer a monotonia. O seu *Céo* está mal descripto.

MARY — *Ouro Preto.* — Dos seus innumeros sonetos enviados, nem um só póde ser aproveitado. Em compensação vão ser publicados quasi todos os seus *Pensamentos.*

M. C. G. — Não sae o seu *Gotta de Lagrimas* por falta de interesse.

A. DOMINGUES. — No seu soneto *Um adeus* ha este emprego do verbo haver: *ha des*, servindo de rima. Que diabo disto é aquillo?

Mme. Angelina Cantermo Meliga, esposa do Sr. José Meliga

DE TUDO UM POUCO

Divorcio Original

Na Birmania quando dois esposos chegam a conclusão de que a vida se lhes torna insupportavel, procedem, desde logo, de commum accordo, á ceremonia do divorcio. Esta não é complicada nem dispendiosa. E' um litigio ultra-summario, que se resolve sem advogados e para o julgamento do qual não são precisos juizes. Compram elles duas lampadas de iguaes dimensões, fabricadas especialmente para esse fim, e que se chamam no dialecto do paiz, *lampadas de separação*. Estas lanpadas, nas quaes deitam os esposos uma porção de azeite, rigorosamente medidas, são accesas e collocadas, uma defronte da outra, a um canto do corredor. Uma das lampadas representa o marido, a outra a mulher.

O costume determina que o proprietario da lampada que primeiro se apaga, se retire immediatamente da casa, cedendo todos os seus bens ao outro.

A psycologia pelas sobrancelhas

Ha numerosos meios para conhecer o caracter das pessoas: pelos pés, pelas mãos, pelos olhos, pelos dentes...

Ha outro ainda: as sombrancelhas que, segundo os physionomistas têm grande importancia.

Quanto mais se approximarem as sobrancelhas, sem que cheguem a juntar-se sobre o nariz, mais sério, profundo e firme é o caracter da pessoa. Pelo contrario, quanto mais separadas aquellas estiverem, menos forte o energico será o caracter de seu possuidor.

As sobrancelhas juntas denotam uma applicação constaute do animo, que se inclina á emulação e chega muitas vezes até a ambição.

As que formam uma linha fina e deliciosamente arqueada indicam modestia, tranquilidade e delicadeza de alma.

Si formam uma linha fina e recta são indicadôras do caracter alegre e lhano.

As sobrancelhas curtas e muito arqueadas, sobretudo si são espessas, são signaes de caracter emprehendedor e decidido.

As sobrancelhas muito espessas e indoceis indicam paixões violentas.

A musica e as plantas

Ha quem affirme que a musica influe no crescimento do cabello. Baseados nesta supposição, varios estudos foram feitos em relação aos vegetaes e chegou-se a observar que muitas plantas crescem com mais vigor nas casas onde se toca piano.

No que não existe duvida alguma é que as plantas não são insensiveis á musica.

O professor Hans Teitgen, de Boston, tinha em seu gabinete uma planta sensitiva, a qual abria e fechava as folhas, conforme a especie de musica que era executada em casa.

Que vem a ser a boa sorte?

Vontade, intelligencia e operosidade. Querer, saber e fazer. Taes são as verdadeiras rodas da fortuna, que não é louca nem céga nem voluvel, como, por allucinação reflexa, parece aos loucos, aos cégos e aos voluveis, mas sim fiel e excrupuloso ministro da justiça distributiva.

Arvore millenaria

Uma das arvores mais celebres conhecidas é o grande "bhoo" de Birmania. Ha uinte seculos foi consagrada a Buddlha, o fundador da religião buddhista.

Não é permittido tocar em nenhuma de suas partes, nem no tronco, nem nas folhas.

Rosa maravilhosa

Em materia de floricultura, os chins, japonezes e siameses têm feito cousas maravilhosas. Uma de suas producções mais notaveis é conhecida pelo nome de "rosa cambiante."

A' sombra, é branca, e azul á claridade.

Na penumbra, adquire uma tonalidade cerulea. Quando exposta á luz do sol passa por uma maravilhosa transformação. Primeiro, as pétalas adquirem uma pallida colloração azul, que para logo se converte em côr de rosa.

Esta ultima côr cada vez se vae accentuando mais, de modo que esta rosa que era branca, vae de nuance em nuance até a um roxo violeta.

Saque em Roma

Em 408 da nossa éra, o barbaro Alarico poz cerco a Roma, saqueou tudo, fez milhares de escravos, demoliu edificios, só poupando as alfaias e jóias das egrejas de S. Paulo e S. Pedro.

Alarico morreu quatro annos depois.

Limpeza do marfim

Os objectos de marfim não se devem molhar, entretanto para tornal-os claros e limpos rapidamente basta mergulhal-os em agua oxigenada.

Para clariar a roupa

Um pouco de borax dissolvido n'agua de lavar a roupa, torna-a mais clara e economisa o sabão. Simples e util.

Doce de queijo

Queijo fresco, 100 grammas; manteiga, 50; miolo de pão ralado, 100; assucar, 250; gemmas de ovos, 6. Deita-se o assucar num tacho com dois decilitros dagua. Leva-se ao fogo e logo que ferva, deita-se-lhe o miolo de pão na manteiga. Mexe-se bem até que fique bem ligada. Desfazem-se as gemmas dos ovos com o queijo e, depois de bem ligados, deita-se no tacho cam os outros engredientes, ligando tudo muito bem, depois do que, leva-se a vasilha ao fogo para cosinhar as gemmas,

Bolos pobres

Farinha, meio kilo; manteigo, 20 grammas; canella em pó, 5; leite quanto baste.

Mistura-se tudo e amassa-se, juntanr do leite pouco a pouco, para se obtemassa rija e bem ligada. Estende-se essa massa numa taboa ou meza com o rolo, de modo que fique bem delgada para render muito. Corta-se a massa em bocados de fórmas caprichosas e levamse estes ao forno em taboleiros, polvilhando-os com farinha até ficarem cosidos.

Pão de lot em leite crême

Pão de lot, leite de crême e canella em pó a porção que se quizer.

Corta-se o pão de lot em fatias, põe-se no fundo de uma vasilha funda, deita-se-lhe por cima o leite crême emquanto quente e porvilha-se com canella e serve-se.

Pudim brasileiro

Gemmas de ovos, 6; clara, 2; assucar, 200 grammas; manteiga 30 grammas; summo de duas laranjas e casca de uma.

Mistura-se tudo bem sem bater a massa e bota-se numa fôrma untada com manteiga e polvilhada com farinha.

Leva-se ao forno até cosinhar.

Poder para ganhar

Diz-se: Se possuis esse *poder*, porque não attrahis os ganhos, e não os dais depois *gratis* a nós? A razão é analoga á de que o iman, por seu poder ser o de attrahir, não é logico esperar que expilla a cousa attrahida. E' como aquillo que, se dermos *gratis*, facilmente ou sem resistencia propria ao que possue valor, é porque não custou trabalho, dinheiro ou sacrificio do desejo da utilidade; ou o *gratis* é apenas um chamariz para pagamento com gratidão que pouca a pouco poderá vir a ser como o *barato que sahe caro*. «Todo o trabalhador tem direito a salario», disse Christo; e assim comprehende-se que deve ser, pois, a boa intenção do nosso valor ao trabalho dos outros será a bitola pela qual os outros julgarão nosso valor.

Para se poder ganhar, cumpre que o equivalente em compromisso da nossa alma já esteja orçado, o que acarretará circumstancias através das quaes ás vezes como necessidades imaginarias, nós ou nossos herdeiros, seremos induzidos ao gasto com a facilidade e a justiça correspondentes ás do ganho, dando assim razão ao dito de que *bens de sachristão cantando vêm cantando vão*.

O poder de attrahir fortuna é cousa que não se dá, tal como o *conhecer*, o ter sciencia á custa do *Occulto*, do que é Occultismo, é cousa que cada um deve fazer por si mesmo, visto não admittir procuradores; e tal como, para se ter poder ou perfeição, cumpre desenvolver o poder pelo exercicio da liberdade na luta contra a imperfeição: a *Perfeição do grande Architecto* consistindo, não em poder fazer um relogio cujos ponteiros não evitem sua acção constante, mas em ter feito um relogio cuja corda attesta *uma vida* que, pela sua regularidade no finito, *conhecerá* por analogia, a *Mathematica do Infinito*.

Na natureza tudo é *Iman em possibilidade*, para attrahir alimento á sua vida, e, portanto, *fortuna*. Tudo é *Intelligencia em possibilidade*, para *conhecer*. Portanto, para dar sciencia, o occultista não póde senão levantar uma ponta do *véo* como incentivo á evolução raciocinante, visto a sciencia, a intelligencia, cada um a ter em si proprio; o occultismo sendo apenas uma simples lampada como a de Diogenes.

Assim, para alguem crear a fortuna, a *arvore da riqueza* terá de despender na *semente* um sacrificio da mesma especie que o fructo *dinheiro* a colher. Por isso, ás cousas de occultismo destinadas a fazerem proliferar a fortuna, cumpre não achar *caras*; pois esta má vontade basta muitas vezes para minorar, senão tolher a fortuna desejada; tal como o aceitar (das numerosas pessoas de preconcebida *má fé*, ás quaes se diz o que se vai fazer) a suggestão de: que se ficará logrado, ou que a cousa é muito trabalhosa, ou que não dará resultado senão para o vendedor.

Todos possuem os poderes psychicos por meio dos quaes, como se fossem braços invisiveis, se póde fazer realizar facilmente, pela simples vontade, tudo que se deseja. Mas, na *maioria*, estes poderes acham-se em *estado latente*, tal como a vida possivel de uma futura arvore acha-se na sua *semente*.

Os individuos que constituem essa *maioria* são os vencidos da vida: trabalham muito e desde ha bastantes annos; mas, além de estarem sempre sem o dinheiro sufficiente ás suas necessidades, são infelizes na saude e na sua familia; são como os *dynamos*, que apezar de movimentados por motor, deixam de dar a corrente electrica que faz o electro-iman attrahir, a razão estando num *curto circuito*, analogo áquelle em virtude do qual certas pessoas não são bem succedidas. Na vida triumpha-se, ou morre-se; vence-se, ou se é vencido!

Quando não se tem successo, se é burro dos outros: e por isso, como não vale a pena viver sem exito esperamos que a preconcebida *má fé* para o que é *novidade*, não veja nesta demonstração senão o desejo de todos melhorarem sua sorte.

Nossos livros, devido á influencia occulta que exercem através da fórma expositiva, eliminam as causas do *curto circuito* em cada individuo infeliz, fazem despertar a *vida latente* daquelle que os lê e procura comprehender. Depois, nos *Accumuladores Mentaes*, o proprio que deseja tirar proveito dessa influencia, devendo concentral-a conforme as instrucções que os acompanham fará realizar, mais facilmente que pelos meios communs, os seus desejos.

Os pensamentos, para terem virtualidade creadora facil, necessitam de meios materiaes em conformidade com os principios tradicionaes do occultismo, patenteados publicamente pelo Sr. Conde de Rochas, ex-director da Escola Polytechnica de Pariz, em phenomenos de *envolamento*, para os quaes, como se sabe, torna-se necessario materializar em figura a idéa do que se deseja. A confirmação desta necessidade acha-se: 1°, nas fórmas sociaes, só por meio das quaes se póde obter da sociedade o que é proprio por ellas; 2°, no facto da idéa creadora de futura fórma não se gerar no mundo terrestre senão de uma outra fórma, a *sensação material*; e 3°, na involução da *fórma*, a incarnação material, ser uma necessidade para certa ordem de espiritos poderem progredir.

O pagamento dos *Livros* e *Accumuladores Mentaes* acha-se justificado no seguinte: 1°, porque nos custam dinheiro, os *livros* sendo por nós vendidos mais baratos que os livros escolares do mesmo tamanho, com os quaes não se faz o mesmo gasto em propaganda, e os *Accumuladores*, tendo custado dinheiro ou trabalho e vindo da Inglaterra pagando altos direitos; 2°, porque as pessoas que os compram tirarão proveito que excederá enormemente o que houverem pago; e, 3°, porque tal pagamento é como o *imposto* que, se não existisse, permittiria a concurrencia da infinidade dos *sem capital*, o que impediria o *ganho*, este só existindo porque o *imposto* restringe a concurrencia dos que não podem vender porque não pagam *imposto*.

O *mal do imposto* torna-se assim um futuro *bem*, tal como só com o pagar bem a boa qualidade da *semente da arvore da riqueza*, é que esta poderá dar fructo em milhares de sementes *em dinheiro*, como o custo da semente inicial,—compensando assim a insignificancia desta.

Portanto, nem por pensamento convém que á semente inicial se ache *cara* ou duvidar dos seus effeitos, visto tal pensamento ser anniquilador sobre a acção delicada da fé creadora, tal como, durante a gestação, os pensamentos ou sentimentos máos sobre a mulher podem fazer esta dar á luz um monstro. Como a fé de um póde *assemelhar-se*, mas nunca *igualar-se* á fé de outrem, pela mesma razão de que não ha duas folhas de arvore absolutamente iguaes, as cousas da fé, para poderem dar resultados vantajosos, não devem ser adquiridas com o conhecimento de quem, por critica patente ou indirecta ou só em pensamento, possa influir nocivamente sobre a crença da pessoa que deseja tirar resultado da sua fé.

A fé é a *certeza* de existir algures uma cousa que sabemos faltarnos, porque sentimos ou presumimos ser ella uma necessidade como satisfação ou felicidade do nosso *eu*. O mal que no nosso *passado* praticámos, ou o bem que, podendo, deixámos de fazer, acarreta, como a falta do alimento ao corpo, a *não satisfação espiritual*, o que géra o corollario daquillo que deve ser contrario a esse mal: a *fé no Bem*. E' como se, na cogitação do *presente*, gerassemos a idéa do que poderiamos ter sido — *o passado*, — e, conseguintemente, do que poderiámos vir a ser — *o futuro*. São tres idéaes distinctas, inseparaveis como corollarias entre si, mas só uma verdadeira: a do que está manifestado *em presente*, como materia ou facto. *O passado* é o *espirito* que, como consequencia, formou o *presente*. *O futuro* é tambem espirito, mas *Nosso Senhor Perfeição, porque* já desde o *presente* nos guia pelas nossas inclinações ao *Ideal* de fazermos com que nossa obra posterior seja sempre melhor, pois todos aproveitam-se da experiencia no estado anterior seja sempre melhor, pois todos aproveitam-se da experiencia no estado anterior, e a obra posterior prevalece *como senhor* sobre a anterior, da qual procuramos desfazer-nos por valor inferior ao da obra mais recente. A fé ou idéa sendo assim uma atmosphera corollaria da nossa liberdade de acção no *passado*, não se tem o direito de contestal-a como não podendo traduzir-se em verdade, pela mesma razão que os productos da Humanidade, por serem varios, não podem ser contestados, *visto existirem*. A diversidade das fórmas, tal como as do *dia* e da *noite*, o *positivo* e o *negativo*, o *homem* e a *mulher*, a *sciencia* e a *religião*, o *preto* e o *branco*, o *bem* e o *mal*, attesta a não *semelhança*, mas não a *analogia* sob o ponto de vista da essencia. E' como a diversidade das linhas que, da superficie de uma bola, partindo do mesmo ponto em differentes direcções, não terão, *se forem sempre rectas*, a possibilidade de se chocarem entre si; pois, apezar das vias serem diversas, todas chegarão a igual ponto de partida, ao *principium et finis*.

As linhas são como as idéas da fé sob as fórmas de religião — catholica, mahometana, espirita ou outras, — e são como as idéas da *hypothese* sob as fórmas da sciencia — materialista, positivista, espiritualista ou outras.

A medida da aferição da *Verdade*, do *Bem* e do *Bello* em todas, consiste na perseverança de cada uma para chegar ao ponto de mira, na rectidão ou coherencia entre a idéa e o facto de cada uma, entre o que prégam e o que fazem.

A incoherencia das obras com as palavras ou pensamentos é como a linha torta, que deve morrer por encontrar *barrado* o caminho em outra linha; é como *se a vindima não houvesse sido feita, porque não póde concluir-se no lavar dos cestos*; é como *o cantaro que tantas vezes vai á fonte até que um dia lá fica* por falta de agua, a agua da vida eterna só estando no infinito da linha coherente que não póde ter fim porque é recta.

Por isso se diz, na distincção entre impostores e não impostores, existentes em todas as cousas; que *pelo fructo se conhece a arvore*; ou que *o cozinheiro se conhece pelo pegar nas panellas*; os impostores, apezar de deverem ser expulsos pelos que os desmascaram, exercendo, como toda *utilidade na Natureza, o Bem da Iniquidade*, visto obrigarem cada um a intelligenciar-se em experiencia, examinando se os que se dizem *a Verdade* apresentam na sua propaganda os symptomas da Verdade que, por analogia, todos podem, pela comparação com o criterio da Verdade que possuem em *senso intimo*, *metrar* como extensão de vantagem, *pesar* como facto convincente, e *valorizar* como o valor que derem a si proprios.

Eis os nomes dos cinco livros que constituem a instrucção deste objectivo e de seus corrollarios: *Hypnotismo Afortunante, Magnetismo Utilitario, Occultismo Pratico, Medicina Moderna* e *Sciencias Secretas*. Cada um destes livros custa, brochado, 10$000 ou cartonado, 12$000. Cada um dos dous *Accumuladores Mentaes* custa 33$000. Aquelles que adquirirem na mesma occasião os cinco *Livros* e os dous *Accumuladores*, terão direito a receber, como compensação, um diploma do *Instituto Electrico e Magnetico Federal*, de Nova York, em signal de reconhecimento e para apoio moral entre os da mesma crença.

Os pedidos de fóra serão attendidos mediante a importancia pelo registro chamado *Valor declarado* ou em vale postal, á LAWRENCE & C., RUA DA ASSEMBLEA, 45 — CAPITAL FEDERAL.

Espectativa frustada

Na «corbeille» duma noiva, vae uma tia velha e conhecida como notavelmente excentrica depositar a sua lembrança. E' um enveloppe fechado e lacrado. A «corbeille» esteve em exposição tres dias, havendo nas salas de exposição um longo desfile de amigos e excellentes inimigos dos noivos. O enveloppe da tia velha dava que fazer a toda a gente, bordando-se as mais variadas conjecturas sobre o seu conteúdo.

Chega o dia do casamento e terminado o «lunch», a noiva, apezar da commoção do momento, vae disfarçadamente abrir o enveloppe, anciosa por desvendar o mysterio. O noivo que lhe segue os movimentos acompanha-a; e ambos no vão duma janella discutem:

— E' dinheiro!

O noivo, declara:

— Só se for um cheque. Tem pouco volume.

— Talvez seja o testamento della, acode a noiva cubiçosa.

— Pateta! Num subscripto pequeno!...

Abrem o enveloppe. Dentro, um bilhetinho com estes simples dizeres:

« Muitos parabens »!

Effectivamente era um cheque-mate nas ambições dos nubentes!...

DELICIAS CONJUGAES

A mãe, sem notar que sua filha de seis annos de idade se acha presente, disse ao seu marido:

— Si eu sobesse o que seria o casamento, antes de me casar, preferia entrar para um convento.

— E eu, disse o marido, teria mettido quatro balas na cabeça!

A filha chorando:

— E que teria sido de mim, sosinha no mundo, sem pae e sem mãe?

NÃO FORAM PUBLICADOS

OS DIAS: 2 A 14